



ACADEMIA MILITAR

A Influência das Operações Psicológicas no combate ao Extremismo

Autor: Aspirante de Infantaria Tiago André Teixeira Cabral

Orientador: TCor Inf Rui Jorge Roma Pais dos Santos

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2022



ACADEMIA MILITAR

A Influência das Operações Psicológicas no combate ao Extremismo

Autor: Aspirante de Infantaria Tiago André Teixeira Cabral

Orientador: TCor Inf Rui Jorge Roma Pais dos Santos

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2022

EPÍGRAFE

“To capture the enemy's entire army is better than to destroy it; to take intact a regiment, a company, or a squad is better than to destroy them. For to win one hundred victories in one hundred battles is not the supreme of excellence. To subdue the enemy without fighting is the supreme excellence.”

Sun Tzu

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que a certa altura contribuíram com apoio e confiança, em especial à minha família e a todos os meus amigos que sempre me apoiaram incondicionalmente independentemente da distância a que me encontro

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho, que simboliza a conclusão do período de formação como Aspirante a Oficial de Infantaria, apenas foi possível consoante o apoio de diversas pessoas que irei de seguida mencionar.

Ao Sr. Tenente-Coronel Pais dos Santos por ter concordado em ser o meu orientador neste trabalho e por toda ajuda que forneceu para a realização do mesmo.

Ao Sr. Tenente-Coronel Lopes, ao Sr. Tenente-Coronel Ferreira e ao Sr. Major Oliveira, pela importante colaboração e disponibilização para fornecer informação de muita utilidade para o trabalho.

Ao Capitão Marcos pela disponibilidade em fornecer informação e contactos de oficiais que tinham ligação ao tema.

Aos meus pais por todo o apoio moral que me deram não só durante a realização desta investigação, mas em todos os momentos que passaram anteriormente.

Por fim, aos meus camaradas de curso por todo o auxílio e contribuição para a pessoa que me tornei, fruto das experiências que passamos em conjunto e todas as dificuldades que ultrapassamos através da camaradagem e confiança.

A todos, um sincero e muito sentido, obrigado!

RESUMO

As operações psicológicas são “operações planeadas para transmitir informação selecionada e indicadores para audiências estrangeiras a fim de influenciar as suas emoções, motivos, racionalização objetiva e em última instância os comportamentos de governos estrangeiros, organizações, grupos e indivíduos de uma forma favorável para os objetivos do originador”.

As operações psicológicas têm como objetivo alterar ou modificar atitudes, percepções, ideias e fazer com que certo alvo, seja esse um lavo mais ou menos numeroso, aja de acordo com o que a força que conduz ditas operações deseja.

Uma vez que o extremismo “refere para uma doutrina política englobado por movimentos sociopolíticos favorecendo tanto a liberdade individual como a coletiva, e a emancipação do reinado dos regimes autoritários e sociedades estruturadas hierarquicamente.” (Bötticher, 2017), esta acaba por ser uma área onde a vertente psicológica tem grande peso e por consequência onde as PSYOPs podem atuar em consonância com outras operações, de forma a combater os extremistas e as suas ações em prol da população e dos objetivos definidos.

Para esta investigação foi utilizado o método hipotético-dedutivo tendo com base de investigação uma revisão de literatura sobre o tema e assuntos com ele relacionados. Em complemento à revisão de literatura foi utilizado um inquérito por entrevista a oficiais que estão ligados ao tema em questão.

Os resultados obtidos permitiram identificar se as operações psicológicas são um meio de combate eficaz ao extremismo e se exerce alguma influência nesse mesmo meio, seja como operação independente ou como apoio a outras tipologias de operações, e ainda, verificar o que é necessário para que estas sejam conduzidas da melhor forma.

Palavras – chave: Operações Psicológicas, Iraque, Afeganistão, Extremismo

ABSTRACT

Psychological Operations are planned operations to transmit selected information and indicators to foreign audiences in order to influence their emotions, motives, objective rationalization and the behaviour of foreign governments, organizations, groups and individuals in a favorable way towards the creator's goals.

Psychological Operations have as goal change attitudes, perceptions, ideas e make so that the target, being a target more or less numerous, act in accordance to what the for conducting said operations desires.

Since extremism refers to a political doctrine encompassing sociopolitical movements favouring individual freedom as such as the collective one, and the emancipation of the reign of authoritarian regimes e hierarquical structured societies. (Botticher,2017), this ends up being an area where the psychological component carries great weight and consequently where PSYOPs can perform in consonance with other operations, in order to fight extremists and their actions, in aid to the population of the defined objectives.

For this investigation it was used the hypothetical-deductive method having as basis for the investigation a literature revision about the subject and other related terms. Complementing this part, an interview inquiry was made to some officers who are connected to the subject n question.

The results that were obtained allowed to identify if the psychological operations are na effective means of combat against extremism and if it has any influence in that same environment, either as na independente operation or as support for other types of operations, and also, verify what is necessary so that these operations are conducted in the best way possible.

Keywords: Psychological Operations, Iraq, Afghanistan, Extremism

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1.1 Tipologias de guerra	5
1.1.1 Guerra Convencional	5
1.1.2 Guerra Irregular	7
1.1.3 Guerra Híbrida	8
1.2 Operações Psicológicas	9
1.2.1 Estrutura das Operações Psicológicas	12
1.2.2 Objetivos das Operações Psicológicas	16
1.3 Radicalismo e Extremismo.....	18
1.4 Operações de Contrainsurgência	21
CAPÍTULO 2 – CONFLITO NO IRAQUE.....	23
2.1 O Conflito	23
2.2 PSYOPs na Operação Iraqi Freedom	24
CAPÍTULO 3 – CONFLITO NO AFGANISTÃO	27
3.1 O Conflito	27
3.2 PSYOPs no Afeganistão	29
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....	31
4.1 Generalidades.....	31
4.2 Método da abordagem.....	31
4.3 Método de investigação	32
4.4 Modelo de análise.....	33
CAPÍTULO 5 – MÉTODOS E MATERIAIS.....	36
5.1 Enquadramento	36
5.2 Contexto de observação.....	36
5.4 Técnicas de recolha de dados	36

CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
.....	
6.1 Enquadramento	38
6.2 Análise das entrevistas	38
CONCLUSÕES	43
LIMITAÇÕES	48
RECOMENDAÇÕES	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	VIII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1 Tipos de guerra	5
Figura nº 2 - Guerra Híbrida numa visão analítica	9
Figura nº 3 - Definições de Terrorismo	20
Figura nº 4 - N° de mortes civis derivadas da guerra.....	24
Figura nº 5 - Panfleto relacionado com as petrolíferas	26

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 - Categorias das Operações Psicológicas	14
Quadro nº 2 - Linhas de esforço em atividade de informação e influência	15
Quadro nº 3 - Objetivos das PSYOPs sefundo FM 3-13	16
Quadro nº 4 - Princípios das Operações Psicológicas	17
Quadro nº 5 - Ideologias e possíveis criadoras de conflitos	19
Quadro nº 6 - Resumo de processo de Investigação	34
Quadro nº 7 - Resumo das respostas à questão nº1	38
Quadro nº 8 - Resumo das Respostas à questão nº2.....	39
Quadro nº 9 - Resumo das respostas à questão nº3.....	39
Quadro nº 10 - Resumo das respostas à questão nº 4.....	40
Quadro nº 11 - Resumo das respostas à questão nº 5.....	40
Quadro nº 12 - Resumo das respostas à questão nº 6.....	41
Quadro nº 13 - Resumo das respostas à questão nº 7.....	42
Quadro nº 14 - Entrevista TCor Pais dos Santos.....	I
Quadro nº 15 - Entrevista TCor Santos Ferreira.....	III
Quadro nº 16 - Entrevista TCor Pires Lopes.....	V
Quadro nº 17 - Guerra Regular vs Guerra Irregular	VIII

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Guerra Regular vs Guerra Irregular	VIII
--	-------------

Lista de Apêndices

Apêndice A - Entrevista TCor Pais dos Santos.....	I
Apêndice B - Entrevista TCor Santos Ferreira	III
Apêndice C - Entrevista TCor Pires Lopes	V

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AAA – Armas Antiaéreas

AA – Audiências-Alvo

ADM – Armas de destruição massiva

COIN – Contrainsurgência

CJPOTF – Combined Joint Psychological Operations Task Force

CFT – Comando das Forças Terrestres

EUA – Estados Unidos da América

FM – Field Manual

IO – Information Operations

ISAF – International Security Assistance Force

MA – Modalidades de Ação

MISO – Military Information Support Operations

NBQR – Nucleares, Biológicas, Químicas, Radiológicas

NEP – Normas de execução permanente

OEF – Operação Enduring Freedom

OMAG – Operações Militares Além da Guerra

PD – Pergunta Derivada

PP – Pergunta de Partida

PSYOPs – Operações Psicológicas

TAA – Target Audience Analysis

UN – United Nations

VANT – Veículo Aéreo Não Tripulado

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação é apresentado no final do ciclo de estudos da Academia Militar, para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria. O tema abordado neste trabalho está relacionado com “A influência das Operações Psicológicas no combate ao Extremismo”.

Na introdução é exposto a motivação para a escolha deste tema, bem como a pertinência do mesmo para o mestrado em causa. Também aqui são expostos os objetivos gerais e específicos e ainda a questão central do trabalho sobre o qual o mesmo será abordado.

A motivação para a escolha deste tema é derivada da perceção de que os conflitos nos dias de hoje têm uma estrutura completamente diferente daqueles que eram a norma nos séculos passados. Cada vez mais os confrontos a nível mundial têm como intervenientes atores estaduais e atores não estaduais, implicando assim que não se trate de confrontos ditos tradicionais. Assim, as operações militares convencionais não podem ser aplicadas de uma forma completa, uma vez que os adversários são elementos não uniformizados e muitas vezes são civis, pelo que estes encontram-se dissimulados no próprio ambiente operacional. Por estas razões, o fator psicológico começou a ganhar uma maior importância com o passar dos anos e conseqüentemente as operações psicológicas que começaram a ser articuladas em outras tipologias de operações de modo que o nível de sucesso possa ter uma percentagem mais elevada e a missão seja cumprida.

Considerando a participação militar portuguesa no palco internacional, no âmbito da sua política de alianças, importa para um Oficial de Infantaria conhecer os aspetos inerentes às Operações Psicológicas, uma vez que estas são uma parte integrante dos conflitos atuais e que a exploração do sucesso, também, passa por atuar de acordo com os objetivos deste tipo de operações. Em simultâneo com a escolha do tema é feita também uma delimitação do mesmo, nomeadamente, em termos de tempo, espaço e conteúdo, como demonstrado pela expressão que se segue:

“A questão da delimitação do tema, apesar de frequentemente desvalorizada por investigadores menos experientes, é de grande relevância, pois, por um lado evita dispersão no estudo de um assunto e, por outro, exige um esforço no sentido da especificação clara do campo da pesquisa.” (Santos & Lima, 2019)

Como tal este trabalho encontra-se delimitado pelo período a iniciar o séc. XXI até ao período atual e com alguma incidência nos teatros de operações do Iraque e do

Afeganistão, ambos palcos de uma grande variedade de operações psicológicas, o que contribui de grande forma para o objeto de estudo em questão, sendo este a análise da influência que têm as operações psicológicas no que diz respeito ao combate ao extremismo. Também a documentação se centra nesse período, uma vez que alguns dos artigos obtidos foram publicados ainda durante o confronto, quando os pormenores ainda estavam frescos na memória o que auxilia na maior veracidade desta investigação.

Com o objeto de estudo referido anteriormente foi definida uma Pergunta de Partida (PP) que centraliza toda a investigação. Esta PP é então: **“Como contribuem as PSYOPs no combate ao Extremismo?”**

Associada à PP, foram criadas três perguntas derivadas (PD) para auxiliar a investigação e ao mesmo tempo delimitá-la de forma que a informação recolhida seja o mais pertinente possível:

PD: “Quais as condições e meios necessários à condução de PSYOPs?”

PD: “Como se caracterizam as PSYOPs no Iraque /Afeganistão?”

PD: “Qual o contributo das PSYOPs para a condução de operações de contrainsurgência?”

Em simultâneo com o desenvolvimento das perguntas acima referidas foi elaborado também um Objetivo Geral (OG) de investigação. O OG “dá uma orientação sobre o tipo de estudo a efetuar, as variáveis em equação e ainda, sobre as hipóteses a formular” (Santos & Lima, 2019). Segundo Vilelas (2009, p.77):

“(…) os objetivos apontam a população a estudar, as variáveis, o tipo de estudo e as hipóteses [e para cumprirem integralmente a sua função, terão que obedecer a determinados requisitos:] indicarem qual a perspetiva selecionada para o estudo; serem claros, limitados e precisos.”

Desta forma, o OG do presente trabalho é “Analisar o contributo das operações psicológicas como resposta ao Extremismo”.

Associado ao Objetivo Geral, foram elaborados objetivos específicos uma vez que a formulação destes é:

“um processo que deve prender a atenção do investigador, uma vez que estes serão instrumentais (...) A formulação dos objetivos específicos deve corresponder à decomposição ou desconstrução dos objetivos gerais da investigação em aspetos mais restritos e elementares, traduzidos em atividades e tarefas que deverão ser observáveis e mensuráveis” (Santos & Lima, 2019)

No presente trabalho os Objetivos Específicos (OE) foram os seguintes:

OE: “Identificar os requisitos para a condução de PSYOPs”

OE: “Analisar as PSYOPs no Iraque e no Afeganistão”

OE: “Identificar de que forma é que as PSYOPs contribuem para a condução de operações de contrainsurgência”

A formulação de hipóteses de investigação também está associada às perguntas derivadas e aos objetivos definidos.

As hipóteses formuladas foram as que se seguem:

H1: Para a condução das operações psicológicas são necessários variados requisitos para que as operações possam ter o sucesso pretendido. Entre esses requisitos destacam-se a existência de meios que tenham como função a disseminação de mensagens sejam estas de origem física ou por meios vocais como conferências ou discursos, uma vez que se esses meios não foram produzidos e efetivamente empenhados de nada serve ter uma mensagem que não possa ser ouvida. Outro dos requisitos que detém grande importância é o conhecimento do público-alvo dado que as pessoas que é suposto serem influenciadas têm de conseguir aceitar serem abordadas de certa forma, sendo que, se a abordagem ferir de qualquer forma a cultura do público-alvo, o insucesso das operações é garantido.

H2: As operações psicológicas que foram conduzidas, tanto no Iraque como no Afeganistão eram operações direcionadas para a população civil de forma que a relação entre a sociedade propriamente dita e os aclamados terroristas/extremistas se tornasse ténue o suficiente para quebrar qualquer tipo de confiança entre eles ao mesmo tempo que ajudava a fomentar a confiança nas forças estrangeiras que combatiam o terrorismo na zona. As ditas operações eram caracterizadas como operações de elevada importância no intuito de dar uma segunda vertente ao combate que não o confronto direto e as vítimas que causava.

H3: As operações psicológicas atuam como forma de apoio às operações de contrainsurgência no sentido de tentar influenciar as mentalidades dos inimigos, dos elementos civis e mesmo das nossas forças. Dado que as operações de COIN têm como objetivo impedir que os elementos insurgentes/terroristas obtenham sucesso nas próprias missões, as Operações Psicológicas são um bom auxílio dado que de acordo com o nível de sucesso de ditas operações podem limitar a quantidade de recursos do Inimigo sejam estes em termos de moral, informação, entre outros.

Para a redação deste trabalho a nível de estruturação e formatação foram seguidas as regras definidas pela Academia Militar. Essas regras estão definidas em Normas de Execução Permanente (NEP’S), nomeadamente na “NEP 520/4^a - Trabalho de Investigação aplicada” (Academia Militar, 2015) e na “NEP 522/1^a - Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação” (Academia Militar, 2016). Para as referências bibliográficas e segundo o

determinado, estas foram redigidas segundo as normas APA (American Psychological Association) no seu formato mais recente (7ª edição, 2021).

O trabalho encontra-se dividido em três partes fundamentais:

A primeira parte do trabalho diz respeito ao Enquadramento Teórico/Revisão de literatura que consiste na abordagem teórica ao tema e à pesquisa de informação relativa a conceitos-chave pertinentes e que servem para enquadrar no tema geral. Engloba os capítulos 1, 2 e 3.

A segunda parte refere para a metodologia aplicada à investigação. Aqui são explanados a forma de redação do trabalho, as escolhas feitas no mesmo para o consequente processo de investigação. Também os materiais utilizados na elaboração serão refletidos nesta parte. Engloba os capítulos 4 e 5.

A terceira e última parte engloba a parte da discussão de resultados onde está presente a resposta às perguntas elaboradas e que foram referidas previamente, assim como a verificação das hipóteses estabelecidas. Com as respostas obtidas neste capítulo, é respondida a questão principal do trabalho e por consequência atingido o objetivo geral do mesmo.

Após as respostas efetuadas serão elaboradas as conclusões que foram atingidas.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Tipologias de guerra

O conceito de guerra tem inúmeras variáveis associadas pelo que se torna necessário abranger aquelas que têm maior impacto na sua definição. Estas variáveis prendem-se com a tipologia de operações que são conduzidas bem como com a tipologia de Inimigo que compõe o conflito. Quando “as ameaças geralmente são assimétricas ou não convencionais ao invés de convencionais” (Larson, Eaton, Nichiporuk, & Szayna, 2008) o confronto é denominado por Guerra Irregular, o oposto, ou seja, quando a ameaça é convencional fica então sob a denominação de Guerra Convencional, onde estão em ação os elementos militares de cada lado do confronto. No estado intermédio destas duas vertentes está presente a Guerra Híbrida que abrange ameaças dos dois tipos, não podendo assim ser aplicado o mesmo conceito devido às suas características (Friede, 2018). A interligação entre os três conceitos está presente na figura que se segue (Figura nº 1).

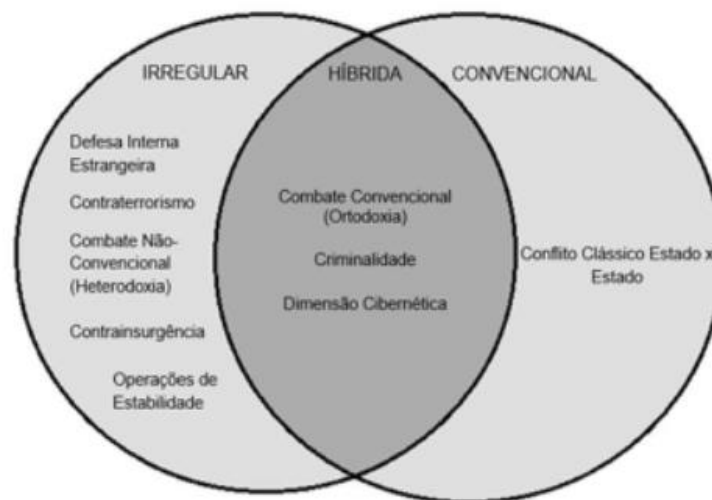


Figura nº 1 - Tipos de guerra

Fonte: Retirado de Revista Militar 2018 (<https://www.revistamilitar.pt/artigo/1356>)

1.1.1 Guerra Convencional

O conflito desde muito cedo na história do ser humano que foi utilizado como ferramenta final para resolver disputas e impor a vontade de uns sobre os outros de modo a obter aquilo que é desejado.

Assim que a sociedade se juntou em grupos, foram formadas as cidades e os países, as vontades coletivas passaram a fazer parte do panorama geral e os desejos por território, matérias-primas, poder, dinheiro foi crescendo também a guerra passou a ter um papel maior na história da humanidade. Quando tudo o resto falhava (negociações, acordos, entre outros) apenas restavam duas opções: abandonar o que era pretendido ou lutar pelo mesmo (Van Creveld, 2004).

Foi através da segunda opção que se deu o nascimento da denominada por guerra convencional.

De acordo com Creveld (2004) o distanciamento geográfico entre os países que desejam uma guerra, qualquer que seja a razão para tal, é inevitavelmente um fator importante para a diminuição de guerras convencionais existentes, no entanto não se trata de um fator que impossibilita essas ações, especialmente face à constante evolução de tecnologias e consequentemente métodos de transporte que nos dias de hoje permitem fazer com que um elevado número de pessoas, rondando as centenas ou mesmo os milhares, possa atravessar um oceano numa questão de horas. Existem outros fatores, mas na atualidade “a razão mais importante por trás do baixo número de guerras convencionais é, a par da localização geográfica, a proliferação nuclear” (Van Creveld, 2004)¹.

A existência de armas nucleares que podem originar um grau de destruição sem precedentes caso sejam usadas por aqueles que a possuem é um fator de extrema importância na manutenção de paz entre os estados de maior poder militar. “Uma vez que qualquer país capaz de criar forças convencionais poderosas é agora igualmente capaz de produzir armas nucleares” (Van Creveld, 2004, p. 3)².

Segundo Haffa existem três aspetos relacionados com a dissuasão do uso de armas nucleares contribuindo assim para que os grandes poderios mundiais não entrem em conflito entre eles devido ao medo das consequências que podem originar. Esses aspetos são:

- Capacidade – Referente à aquisição e colocação de forças militares capazes de concretizar ameaças plausíveis de que consigam retaliar numa forma inaceitável, ou para negar os objetivos inimigos, tornando-os inacessíveis.
- Credibilidade – Como intenção clara e determinação credível para proteger determinado interesse... que pode ser reforçada por estrutura de força, proximidade e projeção de poder

¹ Tradução da responsabilidade do autor

² Tradução da responsabilidade do autor

- Comunicação – A transmissão ao potencial agressor, de uma forma inquestionável, a capacidade e vontade de levar a cabo a ameaça dissuasora. (2018, pág. 97)

1.1.2 Guerra Irregular

De acordo com Larson a guerra irregular pode ser caracterizada como:

“Uma luta violenta entre atores estaduais e não estaduais por legitimidade e influência sobre as populações relevantes. A guerra irregular favorece abordagens indiretas e assimétricas, podendo, no entanto, empregar toda a gama militar e de outras capacidades, para desgastar o poder adversário, a sua influência e vontade. É inerentemente uma luta prolongada que irá testar a determinação de uma nação e os seus parceiros estratégicos” (2008, pág. 10).

A História chegou a definir este tipo de guerra como uma guerra de baixa intensidade, no entanto, essa definição foi deixada de parte, uma vez que deixou de ser aplicável. O combate contra elementos não convencionais não deixa de ser extremamente perigoso apenas pela falta de uso ocasional de uniforme por parte da ameaça, especialmente considerando que nos dias que correm o acesso ao armamento é cada vez mais facilitado por intermédio de vendas de mercado negro, assaltos, entre outras formas de adquirir material que pode colocar em risco a segurança de um exército. No Anexo A, estão descritas algumas diferenças entre a guerra regular e a guerra irregular.

Leal indica que a diferença entre a guerra irregular e a guerra convencional aborda “a utilização de forças irregulares e outras indiretas, métodos não convencionais e os meios para os subverter, desgastar e cansar o adversário...” (2011, p. 114)

Em simultâneo com a sua definição também os tipos de missões envolvidas na denominada guerra irregular são diferentes das que envolvem a guerra convencional. Essas missões são na sua maioria, de quatro tipologias diferentes: “contrainsurgência, suporte à insurgência, defesa interna estrangeira, contraterrorismo.” (Larson, Eaton, Nichiporuk, & Szayna, 2008)

De acordo com dados recolhidos pelo Departamento de Defesa americano, as atividades conduzidas relacionadas com a guerra irregular podem ser demonstradas pela tabela que segue onde estão espelhadas as variadas atividades que podem ser conduzidas no âmbito da guerra irregular com um foco especial nas atividades relacionadas com contrainsurgência e as de cariz psicológico.

Tabela nº 1 - Atividades da guerra irregular

Mission/Activity	DoD Source ^a				
	QDR 2/06	CADD Briefing 2006	JCA Lexicon 8/06	MSC 8/06	IW JOC 9/07
Counterinsurgency	X	X	X	X	X
Foreign internal defense		X	X	X	X
(Support to) insurgency		X		X	X
Unconventional warfare	X		(X)	X	X
Stability/SSTRO	X			X	X
Strategic communications					X
Counterterrorism	X	X	(X)	X	X
Psychological operations			(X)	X	X
Civil-military operations			(X)	X	X
Information operations				X	X
Intelligence/counter-intelligence				X	X

Fonte: “Assessing Irregular Warfare: A Framework for Intelligence Analysis”

1.1.3 Guerra Híbrida

A guerra híbrida é o estado intermédio entre a guerra convencional e a guerra irregular apresentando aspetos e condições que apesar de semelhantes, não permitem que assuma qualquer uma das duas classificações referidas.

Segundo Bilal, a guerra híbrida “implica uma interação ou fusão de instrumentos de poder e ferramentas de subversão tanto convencionais como não-convencionais. Estes instrumentos ou ferramentas são misturados numa forma sincronizada para explorar vulnerabilidades de um antagonista e alcançar feitos sinérgicos”. (2021)³

Este tipo de guerra envolve uma forma de combate diferente uma vez que eleva o confronto para meios de desinformação e colaboração com forças não-estaduais dado que acaba por ser menos dispendioso que um confronto direto, mas com consequências igualmente reais e perigosas.

Uma outra característica da guerra híbrida refere-se ao facto de haver uma falta de reconhecimento ou atribuição de autoria de determinados ataques. Ou seja, muitas das vezes os alvos de certos ataques falham em identificar os elementos indicadores de que realmente irá ser alvo de ataque ou após este ser realizado não consegue identificar o autor dos mesmos. Enquanto por parte dos elementos executantes não têm interesse em revelar a autoria, dado que a incerteza acaba por muitas vezes se revelar muito mais prejudicial que qualquer outra

³ Tradução da responsabilidade do autor

componente pois a falta de revelação da autoria origina dúvida e pode prejudicar a resposta a ser dada pelas partes que sofreram o ataque. (Bilal, 2021)

O gráfico seguinte demonstra os efeitos que um determinado ataque pode ter nas diversas componentes de um Estado, com maior ênfase nos efeitos iniciais e secundários apresentados a partir de uma generalização realizado por parte do Reino Unido. Neste gráfico estão representados as funções críticas e vulnerabilidades (indicados pelo círculo), os meios utilizados para executar um determinado ataque, representados no canto superior esquerdo e os efeitos e a sua não-linearidade representado pelas figuras brancas no interior do círculo.

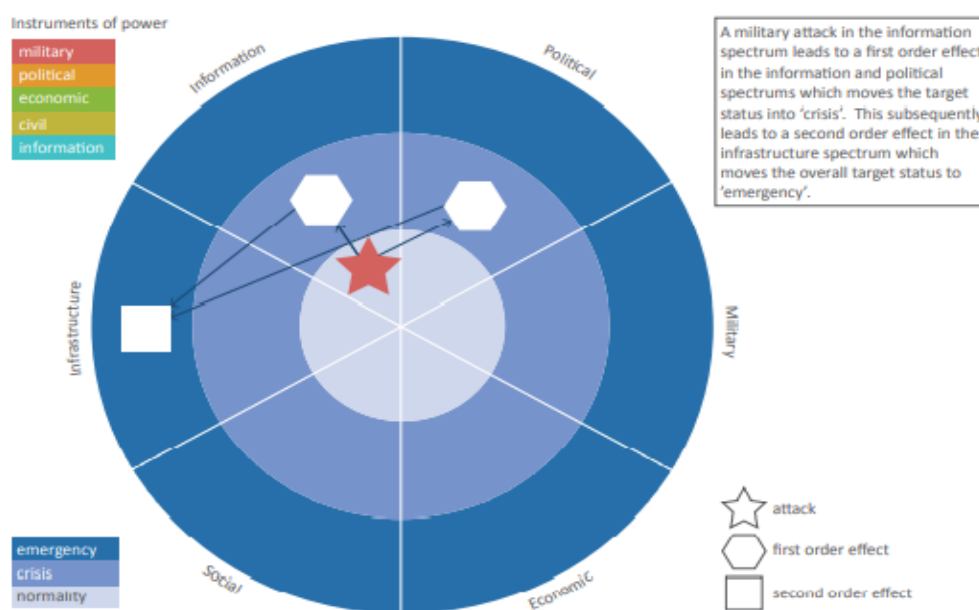


Figura nº 2 - Guerra Híbrida numa visão analítica

Fonte: Understanding Hybrid Warfare

(https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/647776/dar_mc_dc_hybrid_warfare.pdf)

É possível verificar que após um ataque inicial o primeiro impacto produz efeitos nos elementos relacionados com as componentes das Informações e também da Política, e isto porque após um ataque, as prioridades passam por descobrir o responsável, tal como se irão existir ataques subsequentes e consoante as diretrizes políticas o Estado age em conformidade. Esta sequência progride então para o segundo elemento a sofrer os efeitos, sendo este as Infraestruturas que dependendo da gravidade da situação pode levar a que o Estado declare um estado de emergência (Cullen & Reichborn-Kjennerud, 2017).

1.2 Operações Psicológicas

Segundo a doutrina Nato, as operações psicológicas são “atividades planeadas usando métodos de comunicação e outros meios direcionados a audiências aprovadas a fim de influenciar percepções, atitudes e comportamentos, afetando o sucesso dos objetivos políticos e militares”⁴ (NATO, 2014, pp. 1-1).

A Guerra Psicológica não é algo que tenha sido desenvolvida recentemente, mas já desde tempos antigos que é utilizada. Segundo Nuno Rodriguez, um exemplo deste tipo de guerra psicológica remonta aos tempos dos vikings que tinham por costume espalhar rumores da sua ferocidade e capacidade de combate para intimidar os seus adversários antes mesmo de os enfrentarem em batalha. (2020, pág. 175).

Para Linebarger “a guerra psicológica procura conseguir ganhos militares sem o uso de força militar” (1948, pág. 37). Associado a esta ideia existe também o termo propaganda que de acordo com o ME 20-04-05 consiste na seguinte definição:

“Comunicação intencional de informação (notícia ou facto), ideia(s), doutrina, comentário, explicação, chamamento especial, etc. com a intenção influenciar, em benefício (direto ou indireto) de quem os difunde/patrocina, as opiniões, emoções, atitudes e o comportamento de qualquer individuo ou grupo específico” (2009, pág. 17)

Linebarger relaciona a propaganda com a guerra psicológica através da definição que se segue: “Guerra Psicológica compreende o uso de propaganda contra um inimigo, juntamente com outras medidas operacionais de natureza militar, económica ou política conforme requerido para complementar a propaganda” (1948, pág. 37).

Apesar de momentos históricos como as ações tomadas por Genghis Khan⁵ por muitos considerado como o verdadeiro pai da guerra psicológica por “guiar enormes hordas de cavaleiros selvagens pela Rússia e para a Europa (...) espalhando rumores e outras formas de propaganda” (Narula, 2004) onde foi possível observar elementos característicos das operações psicológicas. Narula diz que “a primeira aplicação conhecida do termo Guerra Psicológica foi em 1920 e Operações Psicológicas em 1945” (2004. Pág.178).

De acordo com Linebarger, a “guerra psicológica é usada antes, durante e depois da guerra... não é controlada por leis, usos ou costumes da guerra” (1948, p. 142). A guerra psicológica é uma parte da guerra dita convencional que pretende afetar, não os corpos dos combatentes, mas sim o seu psicológico, bem como o da restante sociedade, através do uso de propaganda e comunicação no seu geral, para transmitir ideias ou rumores que contribuam

⁴ Tradução da responsabilidade do autor

⁵ Genghis Khan foi o fundador e assim primeiro imperador do Império Mongol, utilizando muitas vezes a demonstração de poder para obter resultados e fazendo uso também da manipulação de informação.

de certa forma para atingir o sucesso e pode ser usada por qualquer um dos intervenientes desde que tenham os meios para tal.

Numa perspetiva diferente de Linebarger, Sammons releva para a efetividade das PSYOPs dizendo que a maior campanha de operações psicológicas é aquela em que a eficácia das mesmas como um multiplicador de combate e contribuidoras para a paz em busca de objetivos nacionais ou militares, é exaltada. (2004, p. 1)

Variados autores quando falam em operações psicológicas falam também em Operações de Informação (IO⁶), muitas vezes considerando as duas temáticas como se representassem o mesmo assunto. No entanto, tal não se verifica dado que “PSYOP é um subtema de IO” (Sammons, 2004). De acordo com o FM 3-13 “IO abrange o ataque ao C2 [Comando e Controlo] adversário (IO ofensivas) enquanto protege sistemas C2 das Nossas Forças de disrupções adversárias (IO defensivas)” (2003, pág. V).

Com as variadas alterações/evoluções que têm ocorrido ao longo dos anos, sejam estas a nível tecnológico, material ou doutrinário, não é surpresa que o próprio conflito também sofra alterações no seu desenvolvimento, apesar de que a história e o passado tenham uma presença recorrente no mesmo visto que são através das experiências passadas, vitórias ou derrotas, que se torna possível aprender com os erros cometidos e não os voltar a cometer e assim atingir o sucesso da melhor forma possível.

Num mundo em que o a guerra convencional é um processo menos comum mas ainda existente e perigoso devido à evolução do armamento, tendo como exemplo a Guerra da Ucrânia onde o grau de destruição é enorme devido aos efeitos dos fogos e dos bombardeamentos, é cada vez maior a necessidade de terminar a mesma sem recorrer ao armamento e ao confronto direto para que sejam limitadas as perdas humanas, preferencialmente a zero, e ainda para que o conflito não escale de maneira que os resultados tenham um custo demasiado para a sociedade.

Entre os possíveis resultados destaca-se o emprego de armas NBQR, que são uma ameaça atual, pese embora, as diversas iniciativas internacionais para limitar o seu desenvolvimento e uso (Saraiva, 2018). A ameaça de uso deste tipo de armas pode provocar uma limitação de reação devido ao risco que estas armas oferecem e isto leva a que apenas a ameaça de uso possa ser por vezes uma opção a considerar na vertente psicológica.

⁶ Information operations, que podem ser definidas como ofensivas ou defensivas de acordo com o objetivo a cumprir com as mesmas.

No entanto, os acordos podem ser quebrados a qualquer altura e dependendo também da situação, este é um perigo que pode se desenvolver se assim o poder em questão o decidir, independentemente das consequências políticas que possam resultar dessa mesma infração. Tudo isto pode ser evitado se as tentativas de dissuadir a guerra sejam realizadas com sucesso. E se essas tentativas não tiverem sucesso e a guerra for inevitável, nenhum dos lados envolvidos quererá perder vidas humanas no processo apesar dos diversos defensores de que os fins justificam os meios. De forma a minimizar o confronto direto o emprego das PSYOPs que devidamente empregues têm a capacidade de reduzir a moral e a eficiência em combate das tropas inimigas e cria dissidências e descontentamento nas fileiras (Goldstein & Findley, 1996).

1.2.1 Estrutura das Operações Psicológicas

Segundo a FM 3-05.30 Psychological Operations, as operações psicológicas, à semelhança das restantes operações militares, são conduzidas nos níveis estratégicos, operacionais e táticos de forma a influenciar públicos aos mais variados níveis da sociedade. (Department of the Army, 2005).

As operações psicológicas a nível estratégico consistem na distribuição de informação a nível trans regional. Os produtos e atividade que são desenvolvidas a este nível podem ser realizadas fora do contexto operacional, mas onde são utilizados meios militares para a disseminação dos mesmos ou caso não seja possível, por meios civis de forma a potencial a negação de envolvimento de determinadas partes (Department of the Army, 2005), tendo como exemplo os meios rádios, televisivos, entre outros (FM 3-13, 2003). Muitas das vezes, estas operações estão articuladas com Programas de Informação Pública Internacional de forma a coordenar a disseminação de informação por variadas agências governamentais estrangeiras (FM 3-13, 2003).

A nível operacional, as PSYOPs são conduzidas em suporte ao comandante pelo que podem ser executadas de forma independente ou em simultâneo com outras operações. “PSYOP a nível operacional, empregadas com outros elementos IO, procuram convencer os comandantes adversários de que realizar certas ações são do seu melhor interesse” (FM 3-13, 2003). Também têm a capacidade de contribuir para reforçar o nível de aceitação de uma força num determinado TO.

Por fim, a nível tático, as PSYOP consistem no auxílio à manobra do comandante para impulsionar a sua habilidade de ganhar batalhas (Department of the Army, 2005).

Normalmente, apesar de existirem exceções, estas operações são conduzidas em operações de forças combinadas ou forças conjuntas e podem ser utilizadas em tempos de guerra ou em tempos de paz, pelo que estão introduzidas num tipo de missões específicas sendo estas denominadas Operações Militares Além da Guerra⁷ (Department of the army, 2005). De acordo com a doutrina americana, que detém o maior conhecimento de PSYOPs através do contínuo uso das mesmas, os militares que participam neste tipo de operações têm 5 missões principais, sendo estas:

- “Aconselhar o comandante nas ações das Operações Psicológicas
- Influenciar populações estrangeiras
- Providenciar informações públicas para populações estrangeiras em suporte a missões humanitárias
- Servir como a voz do comandante para expressar as intenções e estabelecer credibilidade
- Contrariar propaganda inimiga assim como falsas informações, falta de informação e informação opositora” (Department of the army, 2005)

Para que estas missões sejam executadas da melhor forma é necessário haver uma elevada colaboração, desde o soldado, até ao comandante e que as informações sejam difundidas na sua totalidade, a fim de que o soldado perceba a intenção do comandante e o comandante esteja a par das tarefas realizadas pelo soldado. Se algum destes falhar o resultado pode contrariar o objetivo e potenciar o insucesso da missão na medida em que em vez de influenciar o público para a sua missão os esforços têm um resultado prejudicial para as forças caso o inimigo se aperceba dos erros e das falhas cometidas e as utilize para o seu próprio benefício levando o público para o seu lado mesmo que esse lado não seja o mais indicado, como é o caso dos elementos terroristas onde a opinião pública pode inclinar a balança para qualquer uma das forças envolvidas e que a história tem vindo a ditar que são exímios a convencer a população dos seus ideais.

Ainda de acordo com a doutrina americana nomeadamente o FM 3-05.302 (2005, pág. 1-1), a condução das missões acima referidas fica dependendo de determinadas funções que devem ser desempenhadas para que as PSYOPs tenham um incremento no seu sucesso. Estas funções são as seguintes:

- Desenvolver os objetivos a atingir
- Desenhar, ou seja, criar protótipos a partir do que foi conceptualizado

⁷ Military Operations Other Than War (MOOTW) – Operações militares para dissuasão de guerra, resolução de conflitos, promoção de paz e dar auxílio a autoridades civis.

- Produzir ou transformar os protótipos em algo que possa ser usado através dos meios media de acordo com o público-alvo
- Distribuir, que pode incluir paragens para armazenamento dos produtos antes de atingirem o destino final
- Disseminar ou entregar diretamente ao público-alvo determinado.
- Avaliar os efeitos alcançados, sendo esta das tarefas que mais tempo e esforço require.

Por outro lado, a NATO considera que as operações psicológicas podem ser definidas de acordo com três categorias: Operações Psicológicas Estratégicas (SPO), Operações Psicológicas de resposta a crises (CRPO) ou Operações Psicológicas de Combate (CPO) (NATO, 2007). As definições de acordo com o AJP-30.10.1 Allied Joint Doctrine for Psychological Operations são representadas no quadro que se segue (Quadro nº 1):

Quadro nº 1 - Categorias das Operações Psicológicas

Operações Psicológicas Estratégicas	“(...) perseguem objetivos para ganhar o apoio e a cooperação de audiências ou reduzir a vontade e capacidade de hostis para cometer atos agressivos... e contribuir para a manutenção ou dissuasão de crise em apoio a ações diplomáticas”
Operações Psicológicas de resposta a crise	“(...) designadas para criar uma atmosfera de apoio e uma vontade de cooperar entre as partes em conflito e a população civil na AO, de modo a contribuir para a realização dos objetivos e proteção da força”
Operações Psicológicas de Combate	“(...) operações contra audiências aprovadas em apoio ao comandante como parte integral de operações de combate e designadas para derrotar o adversário reduzindo ou eliminando a sua vontade de continuar agressão na AO”

Fonte: Elaboração própria

O PDE 3-00 Operações aborda a temática da condução da gestão de conhecimento e da informação na qual o intuito é aplicar a ciência de controlo em apoio às ações do comandante. Por se referir à gestão de informação esta temática está diretamente relacionada com as operações psicológicas que lidam diretamente com as informações. Numa primeira fase a gestão do conhecimento compreende três elementos predominantes sendo estes: as pessoas de onde serão criados, organizados, partilhados e utilizados os produtos de conhecimento; os processos referentes aos “meios para criar, obter, organizar e aplicar o conhecimento” (2007, pág. 4-11); as tecnologias que são os “sistemas de informação que ajudam a receber, processar, armazenar e fornecer conhecimento” (2007, pág. 4-11). A gestão de informação, por sua vez, diz respeito à “ciência do uso de procedimentos e sistemas de informação para receber, processar, analisa, armazenar, divulgar e proteger produtos de conhecimento” (2007, pág. 4-12). Existem duas linhas de esforço que servem para apoiar o comandante a cumprir determinados objetivos e exigências legais, sendo estas as linhas de esforço da informação e as linhas de esforço da influência. Estas linhas apesar de terem tarefas e finalidades diferentes estão “intimamente integradas e sincronizadas para atingir o máximo efeito.” (2007, pág. 4.13). O quadro que se segue representa as linhas de esforço que são seguidas em atividade de informação e influência (Quadro nº 2):

Quadro nº 2 - Linhas de esforço em atividade de informação e influência

Tarefa: Integrar atividades de informação e influência para sincronizar temas e mensagens com ações para apoiar as operações.

Finalidade: Informar audiência nacional e influenciar audiências estrangeiras amigas, neutrais, adversárias e inimigas.

INFORMAR	INFLUENCIAR
<p>Tarefa: Conduzir atividades de informação.</p> <p>Finalidade: Fornecer informação às audiências nacionais e estrangeiras para descrever precisamente as operações.</p>	<p>Tarefa: Conduzir atividades de influência.</p> <p>Finalidade: Alterar efetivamente atitudes, opiniões e comportamentos de audiências estrangeiras amigas, neutrais, adversárias e inimigas para apoiarem as operações</p>
<p>Relações Públicas: Informar com factos e precisão audiências (nacionais e estrangeiras) sem a intenção de efetuar propaganda ou alterar comportamentos. Inclui a atividade de aconselhamento do comandante para os encontros e operações com os <i>media</i>.</p>	<p>Deceção Militar: Ações executadas para deliberadamente enganar os decisores adversários relativamente às capacidades, intenções e operações amigas, assim como, conduzir o adversário a efetuar determinadas ações (ou inações) que contribuam para o cumprimento da missão.</p>
<p>Operações psicológicas – Operações que enviam a informação selecionada e indicadores para audiências alvo para influenciar as suas emoções, motivações, pensamentos e em último caso os comportamentos de governos, organizações, grupos e indivíduos estrangeiros.</p>	
<p>Empenhamento de Líderes e Soldados – Interações entre líderes e soldados para informar ou influenciar perceções e relações de confiança com atores e audiências chave para os encorajar a apoiar as operações.</p>	
<p>Facilitadores: Atividade ou capacidade militar que quando selecionada pode ser utilizada com a finalidade de conduzir ou apoiar atividades de informação e influencia; incluem, segurança das operações, atividades de assuntos civis, atividades ciber/eletromagnéticas entre outras.</p>	

Fonte: PDE 3-00 Operações, pág 4-14

1.2.2 Objetivos das Operações Psicológicas

No que diz respeito aos diferentes níveis das operações psicológicas referidos anteriormente, nomeadamente, os níveis estratégico, operacional e tático, existem objetivos que se alinham com os resultados pretendidos tanto a nível nacional como a nível interno do teatro de operações, para tal utilizando a maior fonte de informação bem como a melhor forma de disseminação, a população civil (Department of The Army, 2003)

De acordo com o FM 3-13 influência à população civil podem levar à procura de atingir os seguintes objetivos representados pelo seguinte quadro nº 3:

Quadro nº 3 - Objetivos das PSYOPs segundo FM 3-13

Nível Estratégico	Nível Operacional	Nível tático
Negar ou diminuir apoio ao governo	Estimular apoio à revolta de elementos opositores dentro da força inimiga para fomentar conflitos internos	Influenciar a população civil a não interferir com os esforços das forças militares
Levar a população a se deslocar do local	Apoiar atividades de resistência	Introduzir Cooperação ou reduzir oposição
População opor-se ativamente às ações do governo	Impulsionar o desafeto adversário	Reduzir danos colaterais através de instruções aos não combatentes na zona de combate

Fonte: Elaboração própria

O ME 20-04-05 apresenta três objetivos gerais sendo estes “Enfraquecer ou modificar a vontade do inimigo/adversário, ou de qualquer outra potencial AA adversa, num sentido favorável, estimular e reforçar a dedicação das AA amigas/simpatizantes; ganhar o apoio e a cooperação de AA neutrais ou indecisas” (2009, pág. 1). Também utilizam um conjunto de verbos na construção de objetivos específicos em determinadas operações como: “Ganhar, Manter, Apresentar, Dissuadir, Apoiar, Limitar, Enfatizar, Informar, Promover,

Assistir, Persuadir, Encorajar, Desencorajar, Facilitar, Impedir, Prevenir, Aumentar.” (2009, pág. 14)

Associados a estes objetivos, o ME 20-04-05 apresenta também alguns princípios relacionados com as operações psicológicas representado no quadro que se segue:

Quadro nº 4 - Princípios das Operações Psicológicas

Princípios	
Missão	“As PSYOPs devem estar integradas com o conceito geral de operações, assegurando desta forma o apoio à missão do comandante apoiado. Assim, devem estar desde o início integradas no planeamento da operação” (IUM, 2009)
Conhecimento da situação psicológica	Compreender a motivação, opinião aspirações e necessidades das audiências alvo de forma a contribuir para a seleção de temas, mensagens, programas e atividades de PSYOPs.
Progressividade	Distribuir as ações a conduzir por fases sucessivas e escalonadas no tempo, cada uma com um objetivo definido.
Oportunidade	Evitar o desencadeamento de PSYOPs demasiado cedo ou demasiado tarde. “O planeamento, o teste e a aprovação de produtos devem ser rápidos, para permitir aproveitar as oportunidades que surjam” (2009, pág. 2)
Possibilidade	Não fazer promessas ou algo que não seja possível realizar.
Credibilidade	A mensagem deve ser credível para que possa surtir qualquer tipo de efeito.
Confiança	Garantir que não existem contradições que possam destruir a confiança das AA e fazer uso da verdade e factos comprovados.
Verificação de resultados	Avaliação contínua do impacto das PSYOPs e permitir a implementação de medidas de correção adequadas.

Fonte: Elaboração própria

1.3 Radicalismo e Extremismo

Ao falar de Radicalismo e de Extremismo, ambos os temas, associam-se inevitavelmente a duas áreas, sendo estas a área filosófica e a área política. A nível filosófico, o radicalismo é interpretado como “qualquer movimento para uma mudança fundamental – originalmente, mas não exclusivamente, uma reforma democrática” (Osborne, 2000). A um nível com maior incidência na área política radicalismo consiste na crença de que a sociedade precisa de mudar sendo que muitas das vezes a mudança pretendida só é possível através de ações de revolução e com o passado como prova definitiva.

As revoluções (salvo algumas exceções) são caracterizadas por ações de violência e confronto, seja ele direto ou indireto, mas em que os resultados beneficiam uma parte da sociedade que pretende a mudança, mas o preço a pagar por dita alteração nas propriedades políticas é exageradamente elevado, como por exemplo a existência de fatalidades, seja dos lados em confronto ou de pessoas que acabam por ser dados colaterais e consequente adição de números estatísticos que passam a fazer parte da história (Botticher, 2017).

É derivado desta vertente do radicalismo que o Extremismo torna-se um conceito de extrema importância. O conceito de extremismo costuma gerar muitas dificuldades na sua definição por parte de quem estuda, principalmente, devido aos entendimentos de cada um, mas uma das definições em que a grande maioria concorda baseia-se na associação ao extremismo violento, ou seja, “as crenças e ações de pessoas que suportam ou usam violência para alcançar objetivos ideológicos, religiosos ou políticos. Isto inclui terrorismo, outras formas de violência politicamente motivada ou algumas formas de violência comuns” (Striegher, 2015).

Apesar da concordância relativa à violência o serviço de procuradoria da coroa do Reino Unido aumenta um pouco a descrição do extremismo violento, que consiste:

“...na demonstração de comportamentos inaceitáveis através do uso de qualquer meio para expressar ideais como:

- Fomentar, justificar ou glorificar violência terrorista no alcance de crenças particulares
 - Procura de provocar outros para cometer atos terroristas
 - Fomentar outras atividades criminais sérias ou provocar outros a cometê-las
 - Alimentar ódio que pode levar a violência dentro da própria comunidade...”
- (Serviço de procuradoria da coroa, 2004)

Além desta definição, Striegher apresenta também uma definição de acordo com o Attorney-General’s Department que diz que:

“O Extremismo Violento descreve as crenças e ações de pessoas que apoiam ou usam violência para atingir objetivos ideológicos, religiosos ou políticos. Isto inclui terrorismo, outras formas de violência

politicamente motivada ou algumas formas de violência comunais. Todas as formas de extremismo violento, não importa a motivação, procura mudança através do medo e intimidação ao invés de processos democráticos construtivos.” (Striegher, 2015)

As razões que levam ao extremismo são variadas e dependem muito dos objetivos que são pretendidos obter, no entanto, o quadro nº 5 que se segue representa as maiores causas de confrontos atualmente

Quadro nº 5 - Ideologias possíveis criadoras de conflitos

Ideologia Racial	Ideologia Religiosa	Ideologia orientada em questões sociais
Separatistas	Cristãos	Anti-governo
Grupo pantera negra	Nações arianas	Anti-aborto
Ku Klux Clã	Movimento criaconista	Ambientalistas
Neoconfederados	Muçulmanos	
Neonazis	Liga de defesa judaica	
Antissemitas da supremacia branca	Aum Shinrikyio	
Nacionalistas da raça branca		

Fonte: Violent Extremism: An examination of a definitional dilemma
<https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1046&context=asi>

Como é possível observar as causas mais abrangentes são as divergências raciais e religiosas e também são as que têm consequências de maior gravidade tendo como exemplo a 2ª Guerra Mundial, onde a Alemanha pretendia a supremacia de quem entendiam que a humanidade devia ser e rebaixando todos os outros que não cumprissem os parâmetros pretendidos. Em relação às diferenças religiosas um dos maiores exemplos é referenciado pelo confronto entre os muçulmanos e os cristãos ou outras religiões. (Bah, 2006)

Segundo Schmid (2014), existem inúmeras definições de terrorismo e como tal apresenta quatro definições utilizadas por quatro agências governamentais americanas representadas na figura que se segue (Figura nº 3):

1. United States House of Representatives Permanent Select Committee on Intelligence (2002): “Terrorism is the illegitimate, premeditated violence or threat of violence by subnational groups against persons or property with the intent to coerce a government by installing fear amongst the populace.”
2. State Department (1984): “Terrorism means premeditated, politically motivated violence perpetrated against noncombatant targets by subnational groups or clandestine agents, usually intended to influence an audience.”
3. FBI (1999): “Terrorism is defined as the unlawful use, or threatened use, of force or violence by a group or individual . . . committed against persons or property to intimidate or coerce a government, the civilian population, or any segment thereof, in furtherance of political or social objectives.”
4. DOD (2000): “Terrorism is the calculated use of violence or threat of violence to inculcate fear; intended to coerce or to intimidate governments or societies in the pursuit of goals that are generally political, religious or ideological.”

Figura nº 3 - Definições de Terrorismo

Fonte: <https://scholarlycommons.law.case.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1400&context=jil>

A partir destas definições a ideia geral consiste em definir o terrorismo como “o ato físico ou ameaça de ação, uso ou ameaça de violência para avançar uma causa política, religiosa ou ideológica.” (Schmid, 2014)

A história associa a origem do terrorismo com a guerra irregular, uma vez que envolve sabotagens, sequestros, ataques com armas improvisadas, entre outros. No entanto, as semelhanças terminam nestes pormenores, dado que ao contrário da guerra irregular onde ambas as partes acabam por ser combatentes, o terrorismo associa combatentes com não combatente, ou seja, a violência é dirigida para aqueles que não têm uma associação direta com o confronto envolvente. (Fernandes, 2022).

Com esta ameaça à segurança da sociedade foi necessária a criação de medidas como resposta por parte das diversas organizações, sejam elas europeias ou mundiais. De acordo com o Conselho da União Europeia (2022) e para efeitos de exemplo, a UE apresentou várias vertentes como resposta entre as quais:

- A prevenção da radicalização
- A lista de terroristas
- O intercâmbio de informações
- Um Coordenador da UE da luta Antiterrorista
- Corte das fontes de financiamento do terrorismo
- Controlo das armas de fogo
- Justiça digital

- Medidas para travar os combatentes estrangeiros
- Cooperação com países terceiros.

1.4 Operações de Contrainsurgência

Antes de poder analisar o conceito de contrainsurgência é necessário primariamente saber em que consiste a insurgência. Assim, de acordo com o dicionário português (PRIBERAM) o conceito de Insurgência refere a “rebelião ou ato de insurgir”. Aprofundando o termo, este diz respeito ao ato de agir contra um poder estabelecido por variadas razões sendo estas de origem política, económica, militar ou religiosa.

“Insurgência é o uso organizado de subversão e violência para obter, anular ou desafiar o controlo político de uma região. Uma insurgência é uma forma de conflito intraestadual”⁸ (Joint Chiefs of Staff, 2018, p. ix). A insurgência pode fazer uso de ferramentas como o terrorismo, a subversão, a sabotagem entre outras atividades de cariz político económico ou psicológico. Um grupo insurgente é geralmente caracterizado como grupo terrorista, apesar de serem termos diferentes, uma vez que o terrorismo é uma ação inerente da insurgência, ou seja, é uma ferramenta utilizada pelos insurgentes para atingir os seus próprios objetivos. No entanto, não se pode falar de um termo sem se falar do outro.

O terrorismo pode ser em simultâneo uma ação direta e indireta de confronto. Isto porque quando são realizados ataques terroristas, existe um ataque direto que na maioria das vezes resulta num elevado número de baixas sejam estas civis ou de combatentes, dependendo do alvo do ataque. Mas, para além, das consequências diretas do ataque, também existem consequências indiretas, mais especificamente de cariz psicológico uma vez que aprofunda o medo da população e a ansiedade dos militares, além de fazer com que simpatizantes dos ideais terroristas saibam que existem pessoas como eles que estão dispostos a cometer atrocidades e levar a que outros tenham coragem para fazer o mesmo. O oposto também é verdade, nomeadamente, o facto de que os governantes queiram retaliar pelo ataque recebido, muitas vezes através do emprego de forças militares destacadas para o país de origem dos terroristas (exemplo do Afeganistão) e a população não aceita bem o facto de que filhos, pais, netos sobrinhos, entre outros sejam colocados num país onde o perigo está à espreita em todo o lado (Fernandes, 2022).

Para combater estes efeitos foram criadas as operações de contrainsurgência que utilizam ferramentas por um determinado governo para derrotar uma insurgência e que o

⁸ Tradução da responsabilidade do autor

sucesso é resultante da integração e sincronização de atividades de cariz político, legal, económico e psicológico (Joint Chiefs of Staff, 2018).

As operações de contrainsurgência são maioritariamente operações multinacionais onde os países estrangeiros oferecem apoio à nação onde decorre o conflito de modo a auxiliar a mesma a deter os insurgentes quando por si só não seja possível. Estas operações são executadas quando a nação pede auxílio exterior ou quando a organização internacional que detém o poder de intervenção decide atuar respeitando os devidos pedidos e autorizações e entende que a situação é demasiado perigosa para a população em questão (NATO, 2022).

CAPÍTULO 2 – CONFLITO NO IRAQUE

2.1 O Conflito

A guerra do Iraque (ou Segunda Guerra do Golfo) durou cerca de oito anos, tendo início em 20 de março de 2003 e terminado a 15 de dezembro de 2011. No entanto as causas desta mesma guerra remetem para os acontecimentos de 13 anos antes, em 1990, onde o Iraque após invadir o Kuwait, vê-se derrotado por uma coligação liderada pelos Estados Unidos. Apesar da derrota, o presidente iraquiano Saddam Hussein conseguiu reter o poder através da violenta supressão de revoltas curdas. Nessa mesma altura, a fim de impedir que o Iraque cometesse futuras agressões, as Nações Unidas implementaram variadas sanções económicas ao país com o objetivo principal de deter o progresso de desenvolvimento de armamento iraquiano, incluindo armas de destruição massiva. Mesmo com estas restrições o Iraque continuou a produzir armamento e diversas inspeções revelaram armamento que não deveria existir no país. Este descontentamento, maioritário por parte dos EUA levaram a que fossem executados bombardeamentos de diversas instituições militares iraquianas no âmbito da Operação Desert Fox⁹. (Duss & Juul, 2013)

O ataque das torres gémeas a 11 de setembro de 2001 apenas incrementou o desejo de retaliação dos EUA que argumentava que a vulnerabilidade do país estava diretamente ligada à “alegada continuada possessão e criação de armas de destruição massiva” (Witte, 2010) pelo que o presidente americano George Bush argumentou nas Nações Unidas que o Iraque devia ser desarmado pois era demasiado perigoso, especialmente pela conhecida afiliação a grupos terroristas como a Al-Qaeda e após variados esforços as Nações Unidas aprovaram uma resolução em 2002 para que o Iraque fosse obrigado a readmitir os inspetores e que cumprisse todas as resoluções prévias. Apesar do aparente cumprimento iraquiano, os EUA e o Reino Unido declararam que o Iraque continuava a armazenar armamento e o presidente americano acabou por emitir um ultimato a Hussein para que este abandonasse o país em 48 horas. O mesmo não cumpriu com este ultimato. Como tal, foi realizado uma cimeira de emergência nos Açores onde Portugal marcou presença com o primeiro-ministro na altura para discutir as alternativas à guerra¹⁰. (Lança, 2017)

⁹ Operação de quatro dias realizada em dezembro de 1998 onde foram bombardeados por meios aéreos e foi considerada a maior ofensiva militar conduzida contra o Iraque desde a primeira Guerra do Golfo.

¹⁰ Primeiro-Ministro Durão Barroso teve participação nesta discussão juntamente com as figuras políticas do Reino Unido e dos EUA

Esta cimeira provou-se ineficaz uma vez que quatro dias depois deu-se início à guerra com os EUA a bombardearem um bunker onde era previsto estar o presidente iraquiano seguidos de diversos ataques aéreos. (Lança, 2017). A partir da ocupação de Bagdad, após um mês de confronto a maior parte da resistência foi feita por parte de grupos terroristas que durante os dois anos que se seguiram colocaram o país numa elevada instabilidade em todos os níveis (T. Editors of Encyclopedia, 2021).

O confronto continuou intenso até que em 2007 começou a entrar num demorado declínio potenciado pela incapacidade dos EUA de provarem que o Iraque detinha ADMs e também a população nos EUA começou a protestar pela quantidade de mortes de militares americanos que pela sua ótica “morriam sem razão”. (T. Editors of Encyclopedia, 2021).

Esta pressão levou a que em dezembro de 2011, os EUA tenham retirado as suas tropas do Iraque acabando assim uma guerra de 8 anos que apesar de não haver um número certo, várias fontes indicam que o número de vítimas está compreendido entre os 170 mil e os 300 mil mortos sendo que pouco mais de quatro mil eram soldados americanos e mais de cem mil eram elementos civis como ilustrado pelo seguinte gráfico (Figura nº 4).

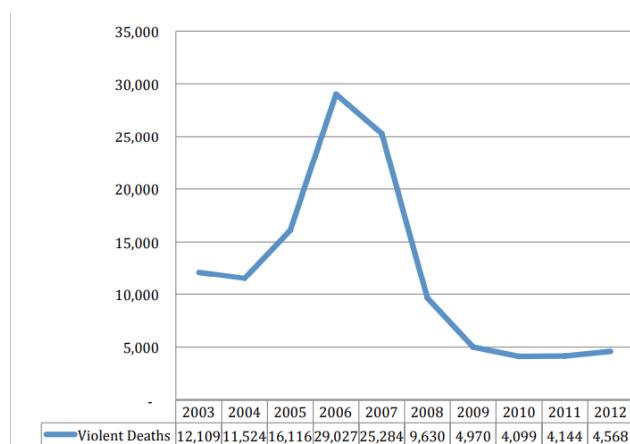


Figura nº 4 - Nº de mortes civis derivadas da guerra

Fonte: <https://www.iraqbodycount.org/database/>

2.2 PSYOPs na Operação Iraqi Freedom

As PSYOPs estão presentes em teatros de operações como uma arma de guerra desde há muitos anos. Desde esse momento a guerra psicológica passou a ser uma parte integrante não só dos grandes conflitos, mas dos considerados pequenos também. De acordo com Philip Taylor, na Guerra do Iraque, especialmente no período pré-guerra e nas primeiras 3 semanas do confronto, as operações psicológicas tiveram um grande papel, envolvendo cerca de 50 milhões de panfletos distribuídos.

Neste confronto existiram dois tipos de PSYOPs: as evidentes e as dissimuladas. As evidentes são caracterizadas como “mensagens provenientes de uma fonte claramente identificável...” (Taylor, 2014) ou seja são aquelas de onde é possível e fácil identificar a sua origem, enquanto as dissimuladas são mais difíceis de identificar e muitas das vezes são conduzidas pelos serviços de inteligência secretos e torna-se muito mais complicado de identificar a sua origem – um exemplo deste tipo foi a Radio Tikrit que no início da guerra era apoiante de Saddam e posteriormente alterou o seu apoio.

Nos processos iniciais umas das grandes ferramentas utilizadas foram as conferências de imprensa dadas pelo presidente americano e pelo secretário de defesa apelando diretamente aos cidadãos iraquianos com mensagens indicando para que não sigam ordens para destruir barragens e inundar vilas e outras pedindo para que aqueles que foram ameaçados nas cidades se lembrem das caras e dos nomes dos executores dos esquadrões de morte.

Durante os oito anos de guerra existiram mais mensagens direcionadas para o povo iraquiano e para o final da guerra as mensagens refletiam que:
“O pesadelo que Saddam Hussein trouxe para a vossa nação irá acabar em pouco tempo. Vocês são pessoas boas e dotadas – os herdeiros de uma grande civilização que contribui para toda a humanidade. Vocês merecem melhor que tirania e corrupção e câmaras de tortura...” (Traduzido de: PSYOPs in Iraqi Freedom by Prof Taylor)

Apesar das mensagens acima referidas terem uma grande importância no que diz respeito à ação psicológica, a verdade é que as ações psicológicas tiveram início ainda antes da guerra começar com a distribuição de panfletos no ano anterior, em novembro de 2002, onde os EUA glorificavam a sua superioridade aérea em relação aos iraquianos dizendo que “o poder aéreo da coligação pode atacar à vontade” (Walley & Mullins, 2005). Posteriormente foram lançados outros panfletos referenciando as consequências de ataques às aeronaves uma vez que existia a preocupação da existência de artilharia antiaérea. Após o lançamento destes panfletos, foi criado um outro referenciando uma rádio de informação protagonizada pela coligação com as bandas onde estas iriam ser transmitidas através do emprego de uma das aeronaves capazes de transmissão de mensagens rádio ou televisivas em frequências múltiplas (EC-130E Commando Solo). (Walley & Mullins, 2005)

Estas mensagens foram primariamente direcionadas para os militares iraquianos onde a mensagem valorizava os mesmos militares e honrava os legados da profissão para depois dizer que o presidente iraquiano desonrava esses valores.

De acordo com Walley & Mullins, um dos panfletos com maior sucesso dizia respeito à proteção das petrolíferas e das fábricas de processamento uma vez que em 1991 houve uma devastação ambiental enorme quando os campos de petróleo pegaram fogo (2005). Quando questionado sobre os resultados que os panfletos ofereciam, o Major-General Renuart no briefing da Operação Iraqui Freedom em 10 abril 2003 disse que “quando voltaram para os campos de petróleo com os engenheiros, os poços estavam armadilhados. Mas que alguns deles tinham as válvulas fechadas. Pelo que se houvesse uma explosão, não danificaria o poço” (citado em Walley & Mullins, 2005). Um exemplo desses panfletos é ilustrado pela seguinte figura (Figura 5):



Figura nº 5 - Panfleto relacionado com as petrolíferas

Fonte: <https://www.arrse.co.uk/community/threads/coalition-leaflets-dropped-in-iraq.10977/>

CAPÍTULO 3 – CONFLITO NO AFEGANISTÃO

3.1 O Conflito

A guerra no Afeganistão envolveu os EUA e os países da NATO e teve início com o ataque de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas nos EUA. Esta guerra consistiu em três fases: enfraquecimento dos Talibãs que tinham ligações com a Al-Qaeda, a estratégia dos EUA para derrotar os talibãs a nível militar e reconstruir algumas instituições do estado afegão e por fim a adoção de táticas de contrainsurgência que foi acentuada pela decisão do presidente dos EUA (Barack Obama) de aumentar a presença militar de tropas americanas da região, sendo que chegaram a estar 100 mil militares no Afeganistão. (Witte, 2010)

A partir desta terceira fase o plano passou para gradualmente atribuir as responsabilidades de segurança às forças afegãs e também a gradual retirada das forças estrangeiras do país. No entanto os ataques e as consequentes vítimas civis permaneceram altos até que em 2014 a NATO e os EUA terminaram a missão relacionada com a operação Enduring Freedom. (DoD News Defense Media Activity, 2014)

A guerra teve início publicamente com o lançamento da Operação Enduring Freedom¹¹, no entanto, o confronto iniciou-se um pouco antes através de uma equipa da CIA que entrou no país clandestinamente e aliou-se a membros anti talibãs “providenciando armas, equipamento e conselhos aos afegãos” (Witte, 2010)

Os EUA cresceram no conflito através do apoio da população que também não queria o domínio dos talibãs e desejavam viver sem o medo que acompanhava os terroristas. No entanto, esse apoio veio a decrescer face a um acidente no dia de 29 de maio de 2006 envolvendo veículos militares que resultaram em 8 vítimas afegãs que posteriormente teve um grande impacto no que ficou conhecido como os piores motins antiamericanos. Este mal-estar entre o exército americano e os afegãos levou a que a NATO aumentasse a sua presença no país fazendo diminuir o poder americano no local e também permitindo a que os EUA se focassem na guerra do Iraque que decorria em simultâneo. (Zaman & Watson, 2006)

O terrorismo potenciado pelos talibãs no Afeganistão era financiado pela produção e venda de ópio a diversos países e variados grupos sendo que a certa altura os afegãos eram responsáveis por aproximadamente 90% do fornecimento mundial de ópio. Em contraste com a coligação internacional que os combatia, mais especificamente os EUA, que

¹¹ Nome dado à operação conduzida pelo governo dos EUA em resposta aos ataques do 11 de Setembro. Teve uma duração total de 13 anos, 2 meses e 3 semanas.

potenciavam o combate através da captura de comandantes Talibãs, o que não era um grande sucesso, uma vez que a maioria dos comandantes continuavam sem ser capturados e comunicavam as suas ordens mesmo à distância de forma a ficar fora do radar e permanecerem livres o máximo de tempo possível. (Peters, 2009)

Em 2010, novas táticas foram adotadas, na medida em que as operações de eliminação de líderes passaram para segundo plano e a atenção foi direcionada para a proteção de elementos civis. No entanto, nos períodos iniciais não foi possível aplicar esse desejo da melhor forma possível visto que não havia tropas suficientes no país. Desta forma, o presidente americano concordou em enviar 30 mil militares para apoiar os que já se encontravam destacados e também a França aceitou a esse pedido com o envio de mais quatro mil militares. E com o aumento do poder militar da NATO, também o desejo do presidente afegão Karzai de fomentar a reconciliação com os talibãs, sempre sem sucesso. (Witte, 2010)

Em 2011, um dos principais objetivos que potenciaram a guerra foi alcançado com a morte de Osama Bin Laden através de uma operação conduzida por 23 seals americanos em Islamabad num assalto. Após a operação, documentos encontrados no local evidenciavam o facto de que Bin Laden planeava assassinar Barack Obama e também outros ataques em solo americano (History editors, 2011) Com a morte do líder terrorista, a NATO começou a planear a diminuição de forças presentes no país. Esta retirada de forças teve início com as declarações de Obama onde anunciava que no espaço de um ano o plano era de diminuir a presença de militares americanos para 30 mil, declaração esta que foi seguida pelo presidente francês que anunciou a retirada de quatro mil militares franceses. Mas a operação continuou com o aumento dos treinos de militares afegãos que não correu como planeado inicialmente dado que muitos daqueles que realizavam o treino depois apontavam as armas para os militares que os treinavam, resultando numa maior apreensão face à escolha dos elementos que eram autorizados a participar nos treinos. (Witte, 2010)

Em finais de 2014, após uma tomada de posse demorada do novo presidente afegão que ao contrário do seu antecessor, assinou de imediato o Acordo de Segurança Bilateral¹² resultou no término formal da operação militar dos EUA e da NATO no dia 28 de dezembro, deixando apenas um número reduzido de militares no país, maioritariamente como força de estabilização, de suporte e treino para as forças afegãs até 2020, onde teve início uma retirada completa das forças estrangeiras ao país que continuou até 2021, sendo que essa retirada

¹² Acordo que autoriza a permanência de 10000 soldados americanos em território afegão

acabou por deixar o país num estado semelhante ao de 20 anos antes devido ao ressurgimento das forças talibãs.

3.2 PSYOPs no Afeganistão

O envolvimento das equipas de PSYOPs no Afeganistão teve início logo após o ataque de 11 de setembro de 2001. A tarefa dessas equipas era, teoricamente, preparar o teatro de operações (ou seja, Afeganistão) para a resposta ao ataque em solo americano, através da recolha de informações sobre elementos terroristas presentes e a sua localização bem como o tipo de armamento que possuíam e o poder que tinham perante a população. (Taylor, 2014) Foram definidos objetivos para as operações psicológicas como referência onde construía as missões de suporte às restantes operações, quer de grande ou pequena escala. Esses objetivos eram:

- Alterar o foco de debate do Islão para o terrorismo e para contrariar propaganda adversária
- Desencorajar interferência com atividades de cariz humanitário
- Apoiar objetivos contra simpatizantes e patrocinadores de terrorismo, quer estaduais ou não estaduais.
- Interromper o apoio a relações entre organizações terroristas.

Alguns elementos pertencentes aos produtos utilizados em apoio à OEF¹³ são classificados, mas aqueles que foram desclassificados para informação pública admitem que o alvo das PSYOPs era de isolar o inimigo de apoio internacional, ou seja, confiná-lo aos recursos em ambiente nacional para que a certa altura não fosse possível continuar a lutar face à falta de apoio ao mesmo tempo que fazia aumentar a legitimidade das operações americanas. Para além destes pormenores, as PSYOPs queriam também reduzir a efetividade dos grupos terroristas através do enfraquecimento da moral e da vontade de lutar

Nem todas as operações psicológicas conduzidas tiveram o sucesso pretendido. Muitas dessas operações que foram conduzidas, mas não corresponderam aos objetivos pretendidos, devem-se ao facto de que as propriedades culturais do público-alvo não foram consideradas da forma como deviam (Munoz, 2012). Um dos exemplos dados e que são mais evidentes relativos a esta situação de insucesso foi a criação de panfletos onde estavam inseridas frases do Corão pedindo muçulmanos que evitassem violência e mantivessem relações pacíficas com todos. Tendo em conta o processo envolvido, as mensagens estavam

¹³ Operation Enduring Freedom

bem escritas e eram aceitáveis e as intenções estavam bem descritas, no entanto, as pessoas depois de lerem as mensagens questionavam se deviam cumprir com pedidos de outros que não praticavam a mesma religião e faziam uso de palavras que não entendiam para atingir os seus próprios fins, mesmo que esses fins significassem o fim do conflito. (Munoz, 2012)

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

4.1 Generalidades

É importante de forma a definir a metodologia primariamente definir o que é uma investigação científica que segundo Fortin (1999, p. 4) a investigação científica é “um processo sistemático que assenta na colheita de dados observáveis e verificáveis, retirados do mundo empírico, isto é, do mundo que é acessível aos nossos sentidos, tendo em vista a descrever, explicar, predizer ou controlar fenómenos”. A investigação é assim o processo pelo qual se retira informações relacionadas com um determinado tema para posteriormente conseguirmos explicar através de conclusões retiradas da análise dos dados recolhidos e explicar o tema de acordo com o objetivo pretendido.

Para realizar uma investigação e tendo em conta o tipo de investigação que se pretende, pode-se adotar um certo tipo de metodologia de investigação que é caracterizada como um “processo onde se aplicam diferentes métodos, técnicas e materiais para a coleta de dados no campo” (Oliveira, 2005). De acordo então com essa metodologia é escolhido o método que será utilizado de forma a alcançar os objetivos propostos tendo em conta que “numa investigação pode ser utilizado mais que um método, para que sejam encontradas as respostas para a pergunta de partida da investigação e perguntas derivadas da pergunta de partida” (Sarmiento, 2013).

Neste capítulo serão apresentados os métodos de abordagem e os procedimentos utilizados nesta investigação, assim como os objetivos de investigação pretendidos, os materiais utilizados na pesquisa de informação e as perguntas a que são pretendidas resposta de acordo com o objetivo deste mesmo trabalho de investigação aplicada.

4.2 Método da abordagem

O método diz respeito ao processo utilizado na tentativa de resposta ao problema de investigação e ao processo utilizado para tal fim. Segundo Marconi e Lakatos, “Método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo de produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista” (2017, p. 42)

De acordo com Sarmiento (2013) existem 3 tipos de métodos passíveis de serem utilizados: dedutivo, indutivo e hipotético-dedutivo.

O método indutivo parte do processo de indução que “é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal (Marconi & Lakatos, 2017). Assim o método indutivo é indicado quando existe uma relação forte entre a amostra e o geral e as induções realizadas podem ser consideradas verdadeiras sem que ocorra o erro de serem determinadas como acidentais ou falsas.

O método dedutivo “contrariamente ao indutivo, faz-se do geral para o particular, ou seja, raciocinar dedutivamente é partir de premissas gerais em busca de uma verdade particular. (...) As conclusões são premissas, usando-se o raciocínio lógico e, uma vez encontradas, as conclusões são incontestáveis” (Freixo, 2009). Desta forma, o processo dedutivo é o processo exatamente contrário ao indutivo onde as conclusões são de origem descendente, ou seja, são utilizadas generalizações para explicar casos particulares, assumindo que se uma premissa é verdadeira no seu geral, quando são analisados aspetos particulares relacionados com o tema geral, as premissas são tomadas como factos.

O método hipotético-dedutivo que segundo Karl Popper¹⁴ é “um método científico que parte de um problema, ao qual se oferece uma espécie de solução provisória, uma teoria tentativa, passando-se depois a criticar a solução, com vista à eliminação do erro (Marconi & Lakatos, 2017).

Para o presente trabalho de investigação foi escolhido o método hipotético-dedutivo que segundo Popper é constituído por variadas etapas onde a primeira consiste no aparecimento do problema que é a dificuldade provocada pela quebra de expectativas. A segunda etapa consiste na criação de conjeturas ou hipóteses (que nas suas características têm presente o facto de serem passíveis de teste) na tentativa de explicar o problema que despertou a curiosidade que levou à investigação associada. Estas hipóteses são compatíveis com o conhecimento existente e a falseabilidade. Por fim, a terceira etapa consiste na realização dos testes que remetem para tentativas de falseamento e de eliminação de erros através da experimentação e observação (Marconi & Lakatos, 2017).

4.3 Método de investigação

Relativamente ao método de investigação este pode conter três tipos de abordagens, no entanto Fortin apenas apresenta “dois métodos que concorrem para o desenvolvimento

¹⁴ Karl Popper foi um filósofo austríaco que ficou conhecido pela elaboração de teorias referentes ao facto de que o conhecimento científico era proveniente da experiência individual não podendo este ser verificado por intermédio do raciocínio indutivo.

do conhecimento são o método quantitativo e o método qualitativo” (1999, pág. 22), mas existe ainda o misto que consiste na utilização das abordagens quantitativas e qualitativas caso seja possível a utilização das duas em simultâneo. (Sarmiento, 2013)

Fortin apresenta uma caracterização mais detalhada sendo que “O método de investigação quantitativo é um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis. É baseado na observação de factos objetivos, de acontecimentos e de fenómenos que existem independentemente do investigador” (1999, pág. 22).

Para uma abordagem qualitativa, Fortin oferece a seguinte definição:

“O investigador que utiliza o método de investigação qualitativo está preocupado com uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Ele observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los. O objetivo é (...) descrever ou interpretar, mais do que avaliar”. (Fortin, 1999)

A abordagem qualitativa pretende então analisar os factos de uma forma mais profunda e descrevê-los de forma a permitir uma análise mais detalhada sobre um determinado assunto.

A pesquisa de abordagem mista visa uma complementaridade entre os dois aspetos acima referidos.

Esta investigação tem por base uma metodologia de abordagem qualitativa uma vez que diz respeito às operações psicológicas e não são introduzidos dados quantitativos, não tendo sido realizados questionários ou resultados baseados em percentagens, mas sim entrevistas a oficiais que deram as suas respostas baseadas na experiência pessoal de cada um.

4.4 Modelo de análise

O modelo de análise consiste na divisão do tema de forma que possam ser recolhidos os dados da melhor forma possível e com maior objetividade de forma a assegurar o cumprimento do objetivo. A primeira fase desta divisão consiste numa das etapas iniciais de um trabalho e que se prende à escolha do problema de investigação sendo então a elaboração de uma pergunta de partida ou uma questão de investigação que é “uma interrogação explícita relativa a um domínio que se deve explorar com vista a obter novas informações. É um enunciado claro e não equívoco” (Fortin, 1999). Como tal, a pergunta de partida elaborada para o presente trabalho foi **“Como contribuem as PSYOPs para o combate ao extremismo?”**

Para responder à pergunta de partida e de forma a simplificar o processo de investigação na procura dessa mesma resposta, foi necessário formular um conjunto de perguntas derivadas, sendo estas as seguintes?

- PD1 – “Quais as condições e meios necessários à condução de PSYOPs?”
- PD2 – “Como se caracterizam as PSYOPs no Iraque e no Afeganistão?”
- PD3 – “Qual o contributo das PSYOPs para a condução de operações de contrainsurgência?”

A pergunta de partida prende-se com a formulação de um objetivo geral para o trabalho de investigação a ser elaborado. Esse objetivo geral é o elemento para o qual toda a informação é recolhida e a resposta à pergunta cumpre com dito objetivo. Assim, o objetivo geral da investigação é:

- Analisar o impacto das Operações Psicológicas e a sua utilidade no combate ao extremismo como forma de evitar ou limitar confrontos diretos, sejam estas operações associadas a outras operações de combate ou não.

O objetivo geral foi decomposto em determinados objetivos específicos, sendo estes:

- Identificar os requisitos para a condução de PSYOPs
- Analisar as PSYOPs no Iraque e no Afeganistão
- Identificar de que forma é que as PSYOPs contribuem para a condução de operações de contrainsurgência

De forma a facilitar a compreensão da estrutura deste trabalho de investigação foi elaborado o seguinte quadro-resumo relativo ao processo de investigação:

Quadro nº 6 - Resumo de processo de Investigação

<p>OG: Analisar o impacto das Operações Psicológicas e a sua utilidade no combate ao extremismo como forma de evitar ou limitar confrontos diretos, sejam estas operações associadas a outras operações de combate ou não.</p>	<p>PP: Como contribuem as PSYOPs para o combate ao extremismo?</p>
<p>OE1: Identificar os requisitos para a condução de PSYOPs</p>	<p>PD1: “Quais as condições e meios necessários à condução de operações psicológicas?”</p>

OE2: Analisar as PSYOPs no Iraque e no Afeganistão como principais palcos de atuação deste tipo de operações	PD2: “Como se caracterizam as PSYOPs no Iraque e no Afeganistão?”
OE3: Identificar de que forma é que as PSYOPs contribuem para a criação de possibilidades na condução de operações de contrainsurgência	PD3: “Qual o contributo das PSYOPs para a condução de operações de contrainsurgência?”
<p>H1: Para a condução das operações psicológicas são necessários variados requisitos para que as operações possam ter o sucesso pretendido. Entre esses requisitos destacam-se a existência de meios que tenham como função a disseminação de mensagens sejam estas de origem física ou por meios vocais como conferências ou discursos, uma vez que se esses meios não foram produzidos e efetivamente empenhados de nada serve ter uma mensagem que não possa ser ouvida. Outro dos requisitos que detém grande importância é o conhecimento do público-alvo dado que as pessoas que é suposto serem influenciadas têm de conseguir aceitar serem abordadas de certa forma, sendo que, se a abordagem ferir de qualquer forma a cultura do público-alvo, o insucesso das operações é garantido.</p>	
<p>H2: As operações psicológicas que foram conduzidas, tanto no Iraque como no Afeganistão eram operações direcionadas para a população civil de forma que a relação entre a sociedade propriamente dita e os aclamados terroristas/extremistas se tornasse ténue o suficiente para quebrar qualquer tipo de confiança entre eles ao mesmo tempo que ajudava a fomentar a confiança nas forças estrangeiras que combatiam o terrorismo na zona. Ditas operações eram caracterizadas como operações de elevada importância no intuito de dar uma segunda vertente ao combate que não o confronto direto e as vítimas que causava.</p>	
<p>H3: As operações psicológicas atuam como forma de apoio às operações de contrainsurgência no âmbito de tentar influenciar as mentalidades dos inimigos, dos elementos civis e mesmo das nossas forças motivando-as e também aumentando a probabilidade de sucesso. Dado que as operações de COIN têm como objetivo impedir que os elementos insurgentes/terroristas obtenham sucesso nas próprias missões, as Op. Psicológicas são um bom auxílio dado que de acordo com o nível de sucesso de ditas operações podem limitar a quantidade de recursos do In sejam estes em termos de moral, informação, entre outros.</p>	

Fonte: Elaboração Própria

CAPÍTULO 5 – MÉTODOS E MATERIAIS

5.1 Enquadramento

Neste capítulo serão descritos os materiais, os procedimentos e as técnicas para a recolha e análise de dados utilizados na elaboração deste trabalho de investigação.

5.2 Contexto de observação

Na realização deste trabalho, uma vez que se trata de estudo de caso dado é estudado o impacto das operações psicológicas no Iraque e no Afeganistão, é necessário delimitar a análise pelo que a investigação irá se basear nos períodos de guerra do Afeganistão e do Iraque, uma vez que são estes os principais teatros onde se desenvolveram e representaram as maiores ações de operações psicológicas e os seus resultados.

5.3 Técnicas de pesquisa e Fontes de Dados

As fontes de dados são o meio pelo qual a informação é recolhida em qualquer que seja o problema a investigar e no meio em que se vive atualmente essas informações são de relativamente fácil acesso apesar de que devido ao elevado volume existente, nem todos os dados são credíveis. Para limitar as falsas informações uma das técnicas que utilizada baseia-se na comparação entre diversos artigos e outra documentação por diversos autores e verificar se a informação encontrada é informação semelhante ou se difere demasiado, caso em que a probabilidade da informação ser duvidosa é maior, colocando em causa a veracidade do trabalho a desenvolver.

A maior parte da informação recolhida no presente trabalho é proveniente de livros, artigos ou publicações em grande parte através de suportes digitais. Para os conceitos mais teóricos relativos ao objeto de estudo, a informação recolhida é derivada de publicações doutrinárias de Exército Português, da NATO e ainda os manuais de campo dos EUA (“FM’s”) onde foi feita a tradução e aplicada neste trabalho. Também foram obtidos dados através das entrevistas.

5.4 Técnicas de recolha de dados

No estudo em questão, a técnica a ser utilizada é o inquérito por entrevista que permite explorar o conhecimento de militares que tenham estado presentes em qualquer um dos

teatros de operações em questão e que possam relatar as suas experiências de forma a recolher o maior número de dados possíveis em períodos delimitados. Segundo Freixo a entrevista “é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre o entrevistador e o entrevistado” (Freixo, 2009). As entrevistas foram conduzidas por videochamada ou através do envio das respostas por email. Os oficiais entrevistados foram escolhidos por terem um papel na formação no que diz respeito ao tema das operações psicológicas ou por terem desempenhado funções em TO no âmbito das PSYOPs, para que pudessem dar o contributo das suas experiências.

CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 Enquadramento

Neste capítulo serão apresentados e sequencialmente analisados os dados recolhidos e as principais ideias recolhidos a partir das respostas oferecidas de forma a comparar com as informações recolhidas a partir da revisão de literatura executada nos capítulos anteriores.

6.2 Análise das entrevistas

Para realizar a análise das entrevistas foram realizadas tabelas apresentando uma síntese das respostas apresentadas pelos entrevistados e subsequente análise das mesmas. As tabelas que se seguem apresentam resumos das respostas dos entrevistados, contendo aquelas que são as ideias principais referenciadas nessas mesmas respostas. As entrevistas com as respostas na sua totalidade encontram-se nos apêndices, nomeadamente no Apêndice A, Apêndice B e Apêndice C.

Quadro nº 7 - Resumo das respostas à questão nº1

Questão nº1: Com a sua experiência considera que existem condições e/ou meios necessários para a condução de PSYOPs? Se sim, quais aqueles mais importantes?
R1: O conhecimento da sociedade local é um extremamente importante, uma vez que sem esse conhecimento torna-se muito difícil compreender as motivações (históricas, culturais, religiosas, sociais, etc). Também existe a necessidade de os operadores de PSYOPs terem um grau de permanência nos TO superiores ao que poderá ser exigível em outras valências da força militar. Além disso, a força tem de ter as capacidades para analisar as audiências (desenvolver produtos, produzi-los e distribuí-los), para tal não necessitando de ter meios próprios, mas podendo fazer uso da contratação de serviços.
R2: A condução de PSYOPs não necessita de muitos recursos. As condições e os meios necessários para a condução das PSYOPs dirigem-se essencialmente para o planeamento e para a produção e disseminação de produtos
R3: De um lado, as populações, que são diretamente afetadas pelas operações, e por outro os elementos adversários, procurando informá-los e influenciar os seus comportamentos de modo a podermos atingir os efeitos pretendidos e alcançar os nossos objetivos. a formação em PSYOPs, “marketing” e “compreensão das audiências” é fundamental, assim como a constante atualização da situation awareness do teatro

Fonte: Elaboração Própria

Quanto à questão nº1, as respostas dos entrevistados convergem no ponto de que o conhecimento da população e capacidade de analisar as audiências alvo é um requisito importante a considerar na condução das operações e que a ausência desta capacidade coloca em risco a probabilidade de sucesso das mesmas. Assim pode-se inferir a partir das respostas dadas, apesar de existirem outros fatores a considerar, o conhecimento da população a nível

cultural, histórico ou social é importante para a validação dos produtos criados pelas PSYOPs e como tal para o resultado das campanhas

Quadro nº 8 - Resumo das Respostas à questão nº2

Questão nº2: Na sua opinião, as PSYOPs podem ser comparadas com as restantes tipologias de operações, uma vez que esta não se insere nas operações de combate?
R1: Apesar de ter uma abordagem diferenciada de outras atividades militares as PSYOPs não deixam de ser uma parte do todo sinérgico que visa atingir um determinado objetivo independentemente de se estar numa ofensiva, defensiva, estabilização ou mesmo apoio civil. As PSYOPs terão de estar integradas com as atividades cinéticas e com as não cinéticas. Estas operações não devem ser encaradas como uma tipologia de operações ma como uma valência/capacidade passível de ser utilizada em qualquer tipo de operações.
R2: São atividades que se aplicam em qualquer tipologia de operações militares, seja durante a condução de uma operação ofensiva, defensiva, ou de estabilização (não se consideram as PSYOPs nas operações de apoio civil pois estas não podem ser exercidas sobre a população nacional). As PSYOPs são muito orientadas para a finalidade (ou seja, os efeitos pretendidos), as AA potenciais e o objetivo. Assim, de acordo com a doutrina (Manual Escolar do IUM ME 20-04-05) existem Operações Psicológicas de Combate – visam derrotar o IN, têm como AA as forças militares opositoras e têm um objetivo divisionista – e Operações Psicológicas de Não-Combate – com a finalidade de criar um espírito cooperante entre partes em conflito, tendo como AA a população e tem por objetivo a coesão.
R3: Sim, as operações PSYOPs são operações independentes, por abarcarem todas as tipologias das forças convencionais, estando ao mesmo nível das Operações Especiais. Trabalhar as audiências de treino, começa muito antes das operações de combate e estende-se pelas operações de estabilização ou de apoio civil (quando autorizado).

Fonte: Elaboração própria

Quanto às respostas à pergunta nº 2 é possível verificar que apesar das definições apresentadas serem ligeiramente diferentes, o resultado é semelhante sendo este que as PSYOPs abrangem toda a tipologia de operações servindo como apoio às mesmas, mas não sendo especificamente classificadas como parte de uma tipologia própria. São conduzidas como parte integrante das restantes operações tendo, no entanto, um processo de planeamento próprio e independente das restantes. Para além disso como descrito na resposta 2 a esta questão as PSYOPs podem se inserir em Operações de Combate que “visam derrotar o In” ou Operações de Não Combate que “visam criar um espírito cooperante entre partes em conflito”.

Quadro nº 9 - Resumo das respostas à questão nº3

Questão nº3: A que nível considera importante a condução de PSYOPs em teatros de operações e porquê?
R1: Em todos os níveis. Pois em todos os níveis (estratégico, operacional e tático) há audiências-alvo que são passíveis de serem influenciadas a fim de se obterem resultados (comportamentos e/ou atitudes) que contribuem para a consecução dos objetivos da operação
R2: As PSYOPs têm que ser obrigatoriamente conduzidas ao nível Operacional e ao nível Tático. Ao nível operacional é feito todo o planeamento, a definição das AA, dos temas, das mensagens pois é a este nível que estabelecem os efeitos e as ações que permitem atingir os objetivos operacionais. A condução

das PSYOPs (planeamento, desenvolvimento e disseminação de produtos, o desenvolvimento dos programas PSYOPs, o emprego das equipas PSYOPs) é feito ao escalão tático.

R3: As PSYOPs devem estar ao mais alto nível de decisão, junto do comandante do teatro, devido à coordenação e impactos dos efeitos pretendidos, passando uma mensagem única e sem contradições

Fonte: Elaboração própria

Quanto às respostas à questão nº 3 foi possível verificar que não é possível atribuir uma maior importância a um certo nível, dado que as operações têm de ser desenvolvidas em todos eles. Não é possível conduzir este tipo de operações sem autorizações para tal e sem as planear, aspetos estes que são determinados ao nível estratégico e operacional respetivamente. Depois a execução é feita ao nível tático.

Quadro nº 10 - Resumo das respostas à questão nº 4

Questão nº4: No âmbito do curso de Operações Psicológicas abordado no IUM, sendo este dos cursos mais extensivos da área em questão em Portugal, quais os fundamentos para o planeamento e execução das PSYOPs?

R1: O curso do IUM é o Curso de Planeamento de Operações Psicológicas, logo o enfoque está colocado no planeamento e não na execução. Assim, de forma alguma, este curso pode ser encarado como sendo um curso para operadores de PSYOPs. Não deixando, porém, de ser importante para futuros operadores.

R2: O objetivo da formação em PSYOPs é dotar os nossos militares com a capacidade de planear e conduzir operações psicológicas, na ótica de maximizar os efeitos que esta capacidade ou atividade produz na condução de operações militares.

R3: Compreender o teatro, estudar as perceções das audiências alvo a mudar ou influenciar, para poder identificar claramente os efeitos desejados e poder definir as ações concretas a aplicar é um trabalho para especialistas, que não se coaduna com as nossas capacidades atuais

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito às respostas à questão nº4 existe uma diferença nas respostas sendo que uma delas remete para o fator da formação em termos de planeamento enquanto outras remetem para alguns detalhes mais específicos considerando os aspetos que são necessário ter em atenção quando é estabelecidas ligação com as PSYOPs como o descrito a R3 “Compreender o teatro, estudar as perceções...”. Desta forma, é possível inferir que o curso apresentado no IUM não é um curso cujo objetivo passa por formar militares para executarem este tipo de ações sendo ao invés disso mais vocacionado para a forma de planear e os aspetos a considerar nesse mesmo planeamento.

Quadro nº 11 - Resumo das respostas à questão nº 5

Questão nº5: Que parâmetros considera necessários para a avaliação de efetividade das Operações Psicológicas?

R1: A mensuração das alterações nos comportamentos das audiências-alvo que tem de ser acompanhado de uma criteriosa e completa avaliação da área de operações.

R2: Para avaliar a efetividade das Operações Psicológicas aplicam-se Medidas de Desempenho (Measures of Performance (MoP)) e Medidas de Eficácia (MoE). As MoE permitem determinar os efeitos produzidos pelas capacidades não-cinéticas da força. Há que definir um conjunto de medidas ou indicadores que demonstrem como os efeitos das PSYOPs estão a ser alcançados, ou seja, como as perceções, comportamentos e atitudes das AA estão a ser afetadas.

R3: Não existem parâmetros fixos, dado que o adversário contrapõe os efeitos e as ações desenvolvidas. Assim a avaliação das audiências-alvo é muito difícil estando sujeita à nossa perceção que difere muito das caridades culturas pertencentes a outras regiões do mundo. São as audiências alvo que nos devem ajudar a definir os parâmetros aceitáveis, mas o importante no final de contas são os efeitos obtidos.

Fonte: Elaboração própria

Analisando as respostas à questão nº4, as respostas diferem em certas partes sendo que apesar de haver um consenso no que concerne à dificuldade de analisar as audiências devido ao simples facto de que não existem alvos exatamente iguais e dessa forma torna-se impossível criar uma fórmula de análise que seja comum a todas as operações, a R2 apresenta duas medidas que são úteis na avaliação da eficácia das PSYOPs sendo estas denominadas como Medidas de Desempenho e Medidas de Eficácia. Desta forma, é possível inferir que a forma de avaliar a eficácia das operações passa por avaliar os efeitos que estas tiverem no terreno onde foram desempenhadas através de uma minuciosa análise para não confundir aquilo que são alterações fruto da evolução do conflito das alterações provenientes das PSYOPs.

Quadro nº 12 - Resumo das respostas à questão nº 6

Questão nº6: O extremismo e por consequência o terrorismo são um assunto intensamente abordado especialmente desde os ataques do 11 de Setembro. Tendo em conta a evolução nessas e o escalar do conflito nessas áreas, considera que as PSYOPs são uma operação essencial no combate? Porquê?

R1: Sim.

Ao falar-se de extremismos, estamos a falar de alterações em perceções, que se manifestam em alterações nas atitudes e, posteriormente, em alterações nos comportamentos. Ou seja, o campo de ação das PSYOPs... Logo, parece-me indissociável o papel das PSYOPs no combate a estes fenómenos

R2: Cada vez mais as PSYOPs, juntamente com as restantes atividades das Operações de Informação, são essenciais na condução das operações. As PSYOPs são uma ferramenta que o Comandante e a força militar têm para a produção de efeitos não-cinéticos no campo de batalha e assim atingir os seus objetivos com menos baixas e danos

R3: Sim, as operações PSYOPs são operações de moldagem, que devem ser potenciadas ao máximo e são por isso essenciais para explorar as oportunidades, mas para isso é necessário ter uma boa compreensão do ambiente operacional

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar as respostas à questão nº6 existe um consenso na afirmação de que PSYOPs são uma operação essencial no combate ao extremismo, devido ao facto de que o trabalho destas operações é direcionado para a influência de perceções e atitudes o que releva para a própria definição de extremismo e a imposição de ideologias perante uma determinada

população. A utilidade das PSYOPs neste ambiente pretende que o risco e os danos sofridos sejam reduzidos e em simultâneo aumentar a probabilidade de sucesso no combate.

Quadro nº 13 - Resumo das respostas à questão nº 7

Questão nº7: Tem alguma experiência a nível internacional relacionada com as PSYOPs, nomeadamente no Afeganistão ou no Iraque? Se sim, teve hipótese de identificar a condução de PSYOPs e os seus efeitos?

R1: Fui Analista da célula TAA/TAE do CJPOTF na ISAF.

Não só tive diversas hipóteses de acompanhar a condução de PSYOPs, como de influenciar e moldar a forma como estas eram conduzidas...

A avaliação dos efeitos era uma das lacunas que todos reconhecíamos no CJPOTF, pois embora fossem feitas diversas tentativas de mensuração dos efeitos, as mesmas tinham um carácter limitado e que nos inspirava pouca confiança...

R2: Não

R3: Sim, em 2006/7 desempenhei funções de “Theater Distribution Manager” e em acumulação de funções Chefe de missão de uma “Advance Tactical PSYOPs Team”. Nestas funções pude observar que as nossas conceções são bastante diferentes das de outras culturas. A humildade e empatia são duas características que são necessárias para este tipo de operações

Fonte: Elaboração própria

Nem todos os entrevistados estiverem presentes em TO ligados à área das Operações Psicológicas, no entanto, através das duas respostas em que houve essa presença a verificação dos efeitos foi uma tarefa complicada devido às diversas culturas presentes e à diferença entre a nossa cultura e a da AA.

CONCLUSÕES

Com a revisão de literatura efetuada, a metodologia determinada e explicada e também a análise e discussão dos resultados realizada, pode-se verificar as hipóteses que foram dadas no início do trabalho bem como responder às perguntas derivadas e a respectiva pergunta de partida, terminando assim esta investigação. Assim, na presente conclusão serão verificados os objetivos de investigação e identificadas as limitações que se foram apresentando ao longo desta investigação. Também é nesta última fase do trabalho que irão ser apresentadas recomendações para trabalhos futuros referentes à área em investigação.

Como referido anteriormente, foram elaboradas hipóteses de investigação no início deste trabalho, hipóteses estas que se relacionam com as perguntas derivadas apresentadas e é no presente capítulo que essas hipóteses serão verificadas aferindo a sua confirmação ou não. Esta verificação é realizada através do cruzamento entre a informação obtidas através da revisão de literatura e também dos resultados das entrevistas realizadas.

A H1: **“Para a condução das operações psicológicas são necessários variados requisitos para que as operações possam ter o sucesso pretendido. Entre esses requisitos destacam-se a existência de meios que tenham como função a disseminação de mensagens sejam estas de origem física ou por meios vocais como conferências ou discursos, uma vez que se esses meios não foram produzidos e efetivamente empenhados de nada serve ter uma mensagem que não possa ser ouvida. Outro dos requisitos que detém grande importância é o conhecimento do público-alvo dado que as pessoas que é suposto serem influenciadas têm de conseguir aceitar serem abordadas de certa forma, sendo que, se a abordagem ferir de qualquer forma a cultura do público-alvo, o insucesso das operações é garantido.”**, esta hipótese foi confirmada através da revisão de literatura e também pelas entrevistas. As operações psicológicas necessitam de várias ferramentas, entre as quais se encontram os meios de disseminação para fazer passar as informações que são pretendidas a fim de surgirem algum efeito, dado que se essa mesma informação não for transmitida, os objetivos das operações não podem ser cumpridos. Quanto ao conhecimento do público-alvo, apesar de ser um dos requisitos de grande importância, foi verificado não ser o único, dado que existem outras condições que devem ser preenchidas para que a condução das operações tenha sucesso, como por exemplo a linguagem utilizada, as ferramentas, entre outras.

Quanto à H2: **“As operações psicológicas que foram conduzidas, tanto no Iraque como no Afeganistão eram operações direcionadas para a população civil de forma que a relação entre a sociedade propriamente dita e os aclamados terroristas/extremistas se tornasse ténue o suficiente para quebrar qualquer tipo de confiança entre eles ao mesmo tempo que ajudava a fomentar a confiança nas forças estrangeiras que combatiam o terrorismo na zona. Ditas operações eram caracterizadas como operações de elevada importância no intuito de dar uma segunda vertente ao combate que não o confronto direto e as vítimas que causava.”**, esta hipótese foi verificada através da revisão de literatura, nomeadamente após análise de alguns exemplos de operações que foram conduzidas nos teatros de operações em questão. O grande objetivo destas operações era influenciar o comportamento da população face ao envolvimento das forças americanas e da coligação da qual fazia parte, de forma que pudessem atuar com uma maior liberdade.

No que diz respeito à H3: **“As operações psicológicas atuam como forma de apoio às operações de contrainsurgência no âmbito de tentar influenciar as mentalidades dos inimigos, dos elementos civis e mesmo das nossas forças. Dado que as operações de COIN têm como objetivo impedir que os elementos insurgentes/terroristas obtenham sucesso nas próprias missões, as Op. Psicológicas são um bom auxílio dado que de acordo com o nível de sucesso de ditas operações podem limitar a quantidade de recursos do In sejam estes em termos de moral, informação, entre outros.”**, esta hipótese foi verificada maioritariamente através da revisão de literatura e também das entrevistas, nomeadamente, através da tipologia de operações onde se identificou que as operações psicológicas estavam inseridas na tipologia de operações conduzidas quando eram pretendidas operações de contrainsurgência.

Terminada a verificação das hipóteses, torna-se possível responder às perguntas derivadas elaboradas.

Relativamente à PD1: **“Quais as condições e meios necessários à condução de operações psicológicas?”**, é primeiro necessário referir que estas operações podem ser conduzidas em diferentes níveis, sendo estes o nível estratégico, operacional e tático. É de acordo com o nível em que as operações são conduzidas que determinadas condições são empregues e os meios de igual forma.

No caso do nível estratégico das PSYOPs, as informações e ligações a serem realizadas são na sua maioria de natureza política e muitas vezes carecem de autorização para serem conduzidas, pelo que esta é grande condição existente na condução das operações. Quando se passa para o nível operacional, a partir da sua definição é possível

compreender que o objetivo passa por atingir a cadeia de comando adversária para que este perca a vontade de combater ou mesmo que as ações que executa se tornem de certo modo, em ações que possam ser benéficas para as NF. Neste caso têm de existir meios de comunicação para transmitir as mensagens e existe uma audiência específica para a qual essas mensagens se dirigem, tendo assim os produtos fabricados que ter esse fator em atenção.

Por fim, a nível tático os pormenores são maiores pelo que as condições e meios necessários à condução das operações podem ser identificados através das variadas funções que devem ser desempenhadas pelos elementos de uma força especializada em PSYOPs, nomeadamente, o desenvolvimento de ideias de forma a poder passar as mensagens; a produção dos elementos que efetivamente contêm a mensagem, ou seja, os produtos; aquisição dos meios de distribuição e disseminação desses produtos de forma a passar a informação o mais eficazmente e rapidamente possível sem interferir na mensagem em si e ainda formas de avaliar os efeitos dessas operações.

É também necessário em todos os níveis acima referidos, o conhecimento da sociedade para a qual as mensagens são dirigidas e a sua cultura, de forma que os efeitos das PSYOPs não sejam o contrário dos esperados.

Considerando a PD2: **“Como se caracterizam as PSYOPs no Iraque e no Afeganistão?”**, foi verificado que apesar da enorme presença de operações psicológicas nestes TO, a forma como foram conduzidas foram diferentes.

No Iraque, houve uma maior incidência nas mensagens diretas para as pessoas nos momentos iniciais do conflito, onde os apelos à sociedade eram realizados através de diálogos e conferências de imprensa, dadas em grande parte pelo governo americano, nomeadamente pelo presidente americano que apelava à sensibilidade da sociedade face à tirania dos terroristas em questão. Outra das vertentes usadas no Iraque foi a glorificação do poderio americano e das forças apoiantes, na qual através da rádio e da demonstração e força, o objetivo passava por intimidar os adversários a não entrarem em confronto uma vez que o resultado esperado seria a derrota destes últimos e conseqüente morte de muitos dos membros destes grupos, em contraste à prisão caso se rendessem sem confronto.

Por sua vez no Afeganistão, a técnica mudou e desde o início do confronto e mesmo antes, já estavam a ser distribuídos panfletos à sociedade e a introdução de equipas de operações especiais de forma a recolher informação válida o mais rápido possível para isolar o In e impedir que este mesmo fosse apoiado de alguma forma. Existiam missões bem estabelecidas que serviam para delimitar os efeitos que eram pretendidos e assim uma maior

organização, pelo que foi até criada uma Força Tarefa dentro da ISAF para planear e conduzir as operações psicológicas desde a sua condução aos seus efeitos. Apesar de toda esta preparação nem sempre existiu o cuidado de estudar o público-alvo o que resultou num crescimento de dúvida no meio da população quanto às ações das forças da ISAF.

Quanto à PD3: **“Qual o contributo das PSYOPs para a condução de operações de contrainsurgência?”**, as operações psicológicas são operações que servem de apoio às operações de contrainsurgência, facto que pode ser inferido através da própria definição de COIN, que além de outros elementos engloba os aspetos psicológicos.

Com base nos dados recolhidos as PSYOPs, quando conduzidas em apoio às COIN, têm duas vertentes de ação, sendo estas a população e os próprios insurgentes.

Quando dirigidas à população o intuito é que exista transmissão de informação relativamente aos grupos insurgentes, identificar elementos que possam estar em apoio aos insurgentes e também a de legitimar as ações das NF, de modo que o confronto possa sofrer uma diminuição considerável e o perigo para as NF seja sempre menor que o inicial.

Quando dirigidas aos insurgentes, as mensagens das PSYOPs pretendem que sejam criadas pequenas fraturas nas organizações de modo a desorganizá-las o máximo possível e criar condições para que os insurgentes se revoltem e abandonem as suas ideologias de reforma e os meios violentos para a obter.

Tendo finalizado a análise de resultados e respondido às perguntas derivadas, torna-se possível responder à pergunta principal ou questão central do trabalho.

PP: “Como contribuem as PSYOPs para o combate ao extremismo?”

As Operações Psicológicas são operações conduzidas com um elevado grau de planeamento e pormenor para que não existam falhas na sua execução e de modo a produzir os melhores efeitos possíveis. Esses efeitos são muitas vezes direcionados para a população de forma a levar as pessoas a agir conforme determinados objetivos estabelecidos pela força em questão e os efeitos são muitas das vezes pretendidos de forma a beneficiarem a população através do sentimento de segurança e bem-estar.

Quando os insurgentes decidem atuar provocam um elevado grau de terror na população que acaba por se manter inativa devido ao medo de repercussões caso decidam agir contra os interesses dos terroristas. As PSYOPs oferecem alternativas ou tentativas de fazer com que esse medo diminua em prol da tomada de ação para uma estabilização da situação, na forma de que podem oferecer uma tranquilidade ou mesmo a possibilidade de fazerem algo em relação a esse medo através da oferta de informação que leve à derrota desses mesmos insurgentes. Os insurgentes apenas podem atuar se tiverem apoio e meios

para o fazerem e faz parte da missão das PSYOPs retirar-lhes essas capacidades, para o que contam com o apoio de outras valências da força militar.

Os efeitos das Operações Psicológicas vão mais além dos referidos acima, sendo que a condução das restantes operações, sejam elas ofensivas, defensivas ou de estabilização, são muitas vezes facilitadas devido às PSYOPs. Isto porque os efeitos produzidos acabam por diminuir o risco presente para os militares envolvidos nas operações, através de informações obtidas, da perda de moral Inimigo, ou da falta de apoio ou de meios para o Inimigo combater.

Assim, é possível verificar que as Operações Psicológicas são um elemento indispensável para o combate à insurgência, exercendo uma enorme influência em todos os aspetos desse combate, sejam eles o Inimigo, as Nossas Forças ou a população, uma vez que podem influenciar a moral das nossas tropas e em simultâneo desmoralizar o adversário e influenciar a ação da população.

LIMITAÇÕES

Ao longo deste trabalho existiram alguns obstáculos à investigação. Uma das limitações existentes diz respeito às poucas fontes bibliográficas com detalhes sobre a condução e os efeitos das operações psicológicas em TO. Outra das limitações foi encontrar elementos que estivessem envolvidos na condução ou pudesse ter testemunhado em primeira mão os efeitos das PSYOPs em algum dos TO.

RECOMENDAÇÕES

Para futuras investigações, uma recomendação possível seria analisar o tema das Operações Psicológicas em Portugal, desde a formação envolvida aos elementos capazes de as planear e executar e alterações a fazer no âmbito de melhorar essa capacidade no Exército Português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bah, A. (2006). Racial Profiling and the War on Terror: Changing Trends and Perspectives. *Ethnic Studies Review*, 76-100.
- Bilal, A. (Novembro de 2021). Hybrid Warfare – New Threats, Complexity, and ‘Trust’ as the Antidote. *NATO Review*.
- Botticher, A. (2017). Towards Academic Consensus of Radicalism and Extremism. Perspective of Terrorism. *Perspectives on terrorism*, 73-77.
- Cullen, P. J., & Reichborn-Kjennerud, E. (2017). Understanding Hybrid Warfare. *MCDC Countering Hybrid Warfare Project, MCDC January*.
- Department of The Army. (28 de Novembro de 2003). FM 3-13 Information Operations: Doctrine, Tactics, Techniques, and Procedures. Washington, D.C., EUA. Obtido em Abril de 2022, de <https://irp.fas.org/doddir/army/fm3-13-2003.pdf>
- Department of the Army. (15 de Abril de 2005). FM 3-05.30 Psychological Operations. Washington, D.C., EUA. Obtido em Abril de 2022, de <https://irp.fas.org/doddir/army/fm3-05-30.pdf>
- Department of the army. (28 de Outubro de 2005). FM 3-05.302 Tactical Psychological Operations - Tactics, Techniques and Procedures. Washington DC, USA.
- DoD News Defense Media Activity. (29 de Dezembro de 2014). After 13 years, Operation Enduring Freedom concludes in Afghanistan.
- Duss, M., & Juul, P. (2013). *The Iraq War Ledger (2013 Update)*. American Progress.
- Fernandes, C. (2022). *Terrorismo*. Obtido de História do Mundo: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/terrorismo.htm>
- Fortin, M.-F. (1999). *O processo de investigação: Da concepção à realização*. Lusociência.
- Freixo, M. J. (2009). *Metodologia Científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Friede, R. (Outubro de 2018). Guerra Híbrida. *Revista Militar*.
- Goldstein, F. L., & Findley, B. F. (1996). *Psychological Operations Principles and Case Studies*. Alabama: Air University Press.
- History editors. (29 de Agosto de 2011). *Osama bin Laden killed by U.S Forces*. Obtido de HISTORY: <https://www.history.com/this-day-in-history/osama-bin-laden-killed-by-u-s-forces>
- IUM. (2009). *ME 20-04-05 Operações Psicológicas*. IESM.
- Joint Chiefs of Staff. (25 de Abril de 2018). Joint Publication 3-24 Counterinsurgency. Washington, D.C., EUA. Obtido em Março de 2022, de https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_24.pdf

- Lança, F. (2017). 2003: Das Lajes saiu o rastilho de uma guerra que nunca terminou. *Jornal de Negócios*.
- Larson, E. V., Eaton, D., Nichiporuk, B., & Szayna, T. S. (2008). Defining Irregular Warfare. Em *Assessing Irregular Warfare: A Framework for Intelligence Analysis* (pp. 7-18). RAND.
- Leal, F. D. (2011). A GUERRA IRREGULAR - A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO NO SÉCULO XXI? *Revista Militar*, 1113-1148.
- Linebarger, P. (1948). Psychological Warfare. *Washington: Infantry Journal Press*, 142-142.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Munoz, A. (2012). *U.S. Military Information Operations in Afghanistan: Effectiveness of Psychological Operations 2001-2010*. RAND Corporation.
- Narula, S. (2004). Psychological Operations (PSYOPS): A conceptual overview. *Strategic Analysis*, 177-192.
- NATO. (2014). *AJP-3.10.1: ALLIED JOINT DOCTRINE FOR PSYCHOLOGICAL OPERATIONS*. United Kingdom: NATO Standardization Office.
- NATO. (2022). *AJP-3.27 Allied Joint Doctrine for Counter-Insurgency (COIN)*. United Kingdom: Chiefs of Staff.
- Osborne, P. (2000). Radicalism and Philosophy. *Radical Philosophy*, pp. 6-11.
- Peters, G. (2009). *How Opium Profits the Taliban*. United States Institute of Peace.
- Sammons, D. (Maio de 2004). Defense Technical Information Center. *PSYOP and the Problem of Measures of Effectiveness (MOE) for the Combatant Commander*.
- Santos, L., & Lima, J. (. (2019). *Orientações Metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação* (2ª edição, revista e atualizada ed.). Lisboa, Instituto Universitário Militar: Cadernos do IUM, 8.
- Saraiva, M. F. (2018). *O tratado sobre a proibição de armas nucleares*. Instituto da Defesa Nacional.
- Sarmiento, M. (2013). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica*. Universidade Lusíadas.
- Schmid, A. (2014). Terrorism - The definitional problem. *Journal of International Law*, 375-416.
- Striegner, J.-L. (2015). Violent-Extremism: An examination of a definitional dilemma. *8th Australian Security and Intelligence Conference* (pp. 75-86). Western Australia: Edith Cowan University Joondalup Campus.
- T. Editors of Encyclopedia. (26 de Maio de 2021). *Iraq War*. Obtido de Encyclopedia Britannica: <https://www.britannica.com/event/Iraq-War>
- Taylor, P. M. (2014). *PSYOPS in Iraqi Freedom*. Obtido em Março de 2022, de School of Media and Communication: <https://universityofleeds.github.io/philtaylorpapers/vp016d23.html>
- Tzu, S. (2012). *A Arte da Guerra*. Lisboa: Clássica Editora.
- Van Creveld, M. (2004). Modern Conventional Warfare: An Overview. *National Intelligence Council Workshop*.

Walley, C. A., & Mullins, M. R. (2005). Psychological Operations in Operation IRAQI FREEDOM. *Veritas*.

Witte, G. (7 de Junho de 2010). *Afghanistan War*. Obtido em Abril de 2022, de Brittanica: <https://www.britannica.com/event/Afghanistan-War>

Zaman, W., & Watson, P. (2006). Afghan death toll hits 8 amid unrest. *Los Angeles Times*.

APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista TCor Pais dos Santos

Quadro nº 14 - Entrevista TCor Pais dos Santos

Pergunta 1	Com a sua experiência considera que existem condições e/ou meios necessários para a condução de PSYOPs? Se sim, quais aqueles mais importantes?
Resposta	Sim. Para começar, um profundo conhecimento da Sociedade do local onde se está/irá operar. Sem se conhecer, torna-se extraordinariamente difícil compreender as motivações (históricas, culturais, religiosas, sociais, etc) e como tal desenvolver produtos adequados. Aqui destacaria a necessidade de os operadores de PSYOPs terem um grau de permanência nos TO superior ao que poderá ser exigível ou aconselhado para outras valências da força militar. A força de PSYOPs terá de possuir as capacidades para analisar as audiências, desenvolver os produtos, produzir os produtos e proceder à sua distribuição. Esta não tem de ser à custa de meios próprios, podendo ser conseguida com recurso à contratação de serviços e ao <i>reachback</i> , mas tem de estar permanentemente assegurada.
Pergunta 2	Na sua opinião, as PSYOPs podem ser comparadas com as restantes tipologias de operações, uma vez que esta não se insere nas operações de combate?
Resposta	Há uma parte da pergunta que me fez refletir, por não concordar na plenitude com ela: “não se insere nas operações de combate”. Porque não se insere? Pois, podendo ter uma abordagem diferenciada de outras atividades militares, não deixa de ser uma parte do todo sinérgico que visa o atingir de um determinado objetivo, independentemente de se estar numa ofensiva, defensiva, estabilização e até apoio civil. As PSYOPs terão de ser integradas com as atividades cinéticas e com outras não cinéticas. Além de que, atendendo à doutrina do Exército (PDE 3-00), as PSYOPs não devem ser encaradas como uma tipologia de operações, mas sim como uma valência/capacidade que poderá ser utilizada em qualquer uma das tipologias de operações.
Pergunta 3	A que nível considera importante a condução de PSYOPs em teatros de operações e porquê?
Resposta	Em todos os níveis. Pois em todos os níveis (estratégico, operacional e tático) há audiências-alvo que são passíveis de serem influenciadas a fim de se obterem resultados (comportamentos e/ou atitudes) que contribuem para a consecução dos objetivos da operação. Importa salientar a absoluta necessidade de as PSYOPs estarem perfeitamente sincronizadas a todos os níveis, bem como entre todos os intervenientes, independentemente do nível a que operam.

Pergunta 4	No âmbito do curso de Operações Psicológicas abordado no IUM, sendo este dos cursos mais extensivos da área em questão em Portugal, quais os fundamentos para o planeamento e execução das PSYOPs?
Resposta	<p>Começo com um pormenor, o curso do IUM é o Curso de Planeamento de Operações Psicológicas, logo o enfoque está colocado no planeamento e não na execução. Assim, de forma alguma, este curso pode ser encarado como sendo um curso para operadores de PSYOPs. Não deixando, porém, de ser importante para futuros operadores.</p> <p>Os fundamentos para o planeamento e execução estão intrinsecamente ligados com a forma como a NATO planeia e conduz as suas operações (de acordo COPD). No concreto, o curso do IUM visa a compreensão da inserção do planeamento das Operações Psicológicas no ciclo de planeamento da NATO.</p>
Pergunta 5	Que parâmetros considera necessários para a avaliação de efetividade das Operações Psicológicas?
Resposta	<p>A mensuração das alterações nos comportamentos das audiências-alvo. Mas que, tem de ser acompanhado de uma criteriosa e completa avaliação da área de operações, para que não se confunda consequências de alterações na área de operações com resultados de campanhas ou produtos de PSYOPs. No meu entender, está é a maior dificuldade na avaliação da efetividade das PSYOPs.</p>
Pergunta 6	O extremismo e por consequência o terrorismo são um assunto intensamente abordado especialmente desde os ataques do 11 de Setembro. Tendo em conta a evolução nessas e o escalar do conflito nessas áreas, considera que as PSYOPs são uma operação essencial no combate? Porquê?
Resposta	<p>Sim.</p> <p>Ao falar-se de extremismos, estamos a falar de alterações em perceções, que se manifestam em alterações nas atitudes e, posteriormente, em alterações nos comportamentos. Ou seja, o campo de ação das PSYOPs... Logo, parece-me indissociável o papel das PSYOPs no combate a estes fenómenos.</p> <p>No entanto, as PSYOPs não são a cura para todos os males, pois como em qualquer atividade militares, só o emprego sinérgico de valências/capacidades permite atingir um objetivo.</p>
Pergunta 7	Tem alguma experiência a nível internacional relacionada com as PSYOPs, nomeadamente no Afeganistão ou no Iraque? Se sim, teve hipótese de identificar a condução de PSYOPs e os seus efeitos?
Resposta	<p>Fui Analista da célula TAA/TAE do CJPOTF na ISAF.</p> <p>Não só tive diversas hipóteses de acompanhar a condução de PSYOPs, como de influenciar e moldar a forma como estas eram conduzidas...</p> <p>A avaliação dos efeitos era uma das lacunas que todos reconhecíamos no CJPOTF, pois pese embora fossem feitas diversas tentativas de mensuração dos efeitos, as mesmas tinham um carácter limitado e que nos inspirava pouca confiança...</p>

Fonte: Elaboração própria

Apêndice B - Entrevista TCor Santos Ferreira

Quadro nº 15 - Entrevista TCor Santos Ferreira

Pergunta 1	Com a sua experiência considera que existem condições e/ou meios necessários para a condução de PSYOPs? Se sim, quais aqueles mais importantes?
Resposta	A condução de PSYOPs não exigem enormes recursos (humanos, materiais e financeiros). É uma capacidade relativamente fácil de edificar, estando previsto, no Exército Português, a edificação desta capacidade, nomeadamente de um Psychological Support Element (PSE) (aconselho o contacto com o CPAE, é quem tem a responsabilidade de desenvolver esta capacidade). As condições e os meios necessários para a condução das PSYOPs dirigem-se essencialmente para o planeamento, através da integração de elementos nacionais numa Combined Joint Psychological Operations Task Force (à imagem do que já se passou no Afeganistão) e para a produção e disseminação de produtos. Com os recursos já existentes no Exército (CPAE para análise de Audiências-Alvo, desenvolvimento de temas e mensagens e CAVE para a produção de produtos) e havendo uma orientação do esforço para esta área, é viável o desenvolvimento da capacidade PSYOPs no Exército.
Pergunta 2	Na sua opinião, as PSYOPs podem ser comparadas com as restantes tipologias de operações, uma vez que esta não se insere nas operações de combate?
Resposta	As PSYOPs, apesar da designação “Operações” não se enquadra na tipologia de operações, sejam elas de nível operacional ou de nível tático (ofensiva, defensiva, estabilização e apoio civil). As PSYOPs são uma atividade planeada com utilização de meios de comunicação e outros, dirigidas sobre audiências-alvo (AA) aprovadas para influenciar perceções, atitudes e comportamentos e assim atingir os objetivos políticos e militares. Assim, são atividades que se aplicam em qualquer tipologia de operações militares, seja durante a condução de uma operação ofensiva, defensiva, ou de estabilização (não se consideram as PSYOPs nas operações de apoio civil pois estas não podem ser exercidas sobre a população nacional). Claro que, consoante a tipologia de operação em que as PSYOPs são empregues, variam as AA, os efeitos psicológicos a atingir, os temas, os produtos e a forma como estes são disseminados. As PSYOPs são muito orientadas para a finalidade (ou seja, os efeitos pretendidos), as AA potenciais e o objetivo. Assim, de acordo com a doutrina (Manual Escolar do IUM ME 20-04-05) existem Operações Psicológicas de Combate – visam derrotar o IN, têm como AA as forças militares opositoras e têm um objetivo divisionista – e Operações Psicológicas de Não-Combate – com a finalidade de criar um espírito cooperante entre partes em conflito, tendo como AA a população e tem por objetivo a coesão.
Pergunta 3	A que nível considera importante a condução de PSYOPs em teatros de operações e porquê?

Resposta	As PSYOPs têm que ser obrigatoriamente conduzidas ao nível Operacional e ao nível Tático. Ao nível operacional é feito todo o planeamento, a definição das AA, dos temas, das mensagens pois é a este nível que estabelecem os efeitos e as ações que permitem atingir os objetivos operacionais e, conseqüentemente, atingir o estado final desejado e os objetivos políticos. A condução das PSYOPs (planeamento, desenvolvimento e disseminação de produtos, o desenvolvimento dos programas PSYOPs, o emprego das equipas PSYOPs) é feito ao escalão tático, com a hierarquização das responsabilidades e tarefas pelos diversos escalões táticos, nomeadamente entre o escalão Componente Terrestre/Divisão e a unidade escalão Batalhão.
Pergunta 4	No âmbito do curso de Operações Psicológicas abordado no IUM, sendo este dos cursos mais extensivos da área em questão em Portugal, quais os fundamentos para o planeamento e execução das PSYOPs?
Resposta	O objetivo da formação em PSYOPs é dotar os nossos militares com a capacidade de planear e conduzir operações psicológicas, na ótica de maximizar os efeitos que esta capacidade ou atividade produz na condução de operações militares.
Pergunta 5	Que parâmetros considera necessários para a avaliação de efetividade das Operações Psicológicas?
Resposta	Para avaliar a efetividade das Operações Psicológicas aplicam-se Medidas de Desempenho (Measures of Performance (MoP)) e Medidas de Eficácia (MoE). Estas medidas visam avaliar os efeitos dos produtos PSYOPs. As MoE permitem determinar os efeitos produzidos pelas capacidades não-cinéticas da força, tal como o Battle Damage Assessment permite fazer no que diz respeito aos efeitos cinéticos. Assim, para a avaliação dos efeitos PSYOPs há que definir um conjunto de medidas ou indicadores que demonstrem como os efeitos das PSYOPs estão a ser alcançados, ou seja, como as perceções, comportamentos e atitudes das AA estão a ser afetadas (diminuídas ou aumentadas). Os indicadores de impacto são sempre deduzidos do efeito que se pretende atingir.
Pergunta 6	O extremismo e por consequência o terrorismo são um assunto intensamente abordado especialmente desde os ataques do 11 de Setembro. Tendo em conta a evolução nessas e o escalar do conflito nessas áreas, considera que as PSYOPs são uma operação essencial no combate? Porquê?
Resposta	Cada vez mais as PSYOPs, juntamente com as restantes atividades das Operações de Informação, são essenciais na condução das operações. Já dizia Sun Tzu, primeiro deve-se combater a mente e os corações... Numa altura em que o ambiente informacional e a dimensão humana têm um impacto tão grande no ambiente operacional, as PSYOPs são uma ferramenta que o Comandante e a força militar têm para a produção de efeitos não-cinéticos no campo de batalha e assim atingir os seus objetivos com menos baixas e danos.
Pergunta 7	Tem alguma experiência a nível internacional relacionada com as PSYOPs, nomeadamente no Afeganistão ou no Iraque? Se sim, teve hipótese de identificar a condução de PSYOPs e os seus efeitos?
Resposta	Neste campo não te posso ajudar pois não tenho experiência operacional. No entanto aconselho, se não o fizeste já, a contactar os TCor Inf Pais dos Santos,

TCor Art Geraldes... são alguns dos oficiais que desempenharam funções na CJPOTF no Afeganistão.

Fonte: Elaboração própria

Apêndice C - Entrevista TCor Pires Lopes

Quadro nº 16 - Entrevista TCor Pires Lopes

Pergunta 1	Com a sua experiência considera que existem condições e/ou meios necessários para a condução de PSYOPs? Se sim, quais aqueles mais importantes?
Resposta	<p>Em termos da aliança, as operações psicológicas são essenciais a qualquer comando (sendo por isso normalmente constituído um Combined Joint PSYOPs Task Force (CJPOTF) para o efeito). Foi identificada essa necessidade, de modo a poder influenciar as diversas audiências alvo no teatro. De um lado, as populações, que são diretamente afetadas pelas operações, e por outro os elementos adversários, procurando informa-los e influenciar os seus comportamentos de modo a podermos atingir os efeitos pretendidos e alcançar os nossos objetivos.</p> <p>Em termos nacionais, ainda temos muito a fazer, as operações psicológicas são uma faca de dois gumes, devem ser bem utilizadas, de modo a evitar que as nossas ações sejam utilizadas contra nós.</p> <p>Para isso, a formação em PSYOPs, “marketing” e “compreensão das audiências” é fundamental, assim como a constante atualização da situation awareness do teatro para que os produtos não sejam injetados fora de tempo ou desadequadamente. Este caminho ainda tem de ser percorrido pelos nossos PSYOPs, potenciando ao máximo os intercâmbios com outras forças e fazendo uso das suas lições aprendidas.</p>
Pergunta 2	Na sua opinião, as PSYOPs podem ser comparadas com as restantes tipologias de operações, uma vez que esta não se insere nas operações de combate?
Resposta	<p>Sim, as operações PSYOPs são operações independentes, por abarcarem todo as tipologias das forças convencionais, estando ao mesmo nível das Operações Especiais. Trabalhar as audiências de treino, começa muito antes das operações de combate e estende-se pelas operações de estabilização ou de apoio civil (quando autorizado).</p>
Pergunta 3	A que nível considera importante a condução de PSYOPs em teatros de operações e porquê?
Resposta	<p>As PSYOPs devem estar ao mais alto nível de decisão, junto do comandante do teatro, devido à coordenação e impactos dos efeitos pretendidos, passando uma mensagem única e sem contradições.</p> <p>Enquanto as forças de combate podem estar a executar diferentes tipologias de operações, recebendo produtos dedicados para os efeitos imediatos, os efeitos PSYOPs devem também estar sincronizados para atingir os objetivos de longo termo e estado final.</p>

Pergunta 4	No âmbito do curso de Operações Psicológicas abordado no IUM, sendo este dos cursos mais extensivos da área em questão em Portugal, quais os fundamentos para o planeamento e execução das PSYOPs?
Resposta	Realizei o curso em 2013 (desconheço se alterou os conteúdos desde então), tendo participado também como formador quando solicitado, no entanto, a formação ministrada necessita de ser desenvolvida, porque recai essencialmente na elaboração dos anexos PSYOPs, sem que haja conhecimentos suficientes que enquadrem esses documentos. Compreender o teatro, estudar as perceções das audiências alvo a mudar ou influenciar, para poder identificar claramente os efeitos desejados e poder definir as ações concretas a aplicar é um trabalho para especialistas, que não se coaduna com as nossas capacidades atuais. Para além disso, as ações nunca estão bem à primeira, requerendo um constante reajustamento, ou mesmo uma alteração total, através de uma monitorização dos efeitos pelas medidas de performance e de eficácia.
Pergunta 5	Que parâmetros considera necessários para a avaliação de efetividade das Operações Psicológicas?
Resposta	Não considero que haja parâmetros fixos, tal como em tudo o que são as operações militares, não nos podemos esquecer que estamos a desenvolver ações e efeitos que são constantemente contrapostos por um adversário equivalente ou superior (temos de compreender que não existem adversários inferiores). A avaliação das audiências alvo é muito difícil, não nos podemos esquecer que a nossa própria perceção pode-nos influenciar negativamente, o nosso mindset é ocidental, estando por origem desajustado a outras regiões do mundo. O que para nós é natural e aceitável, para outras culturas pode ser ofensivo. O melhor parâmetro é não ter parâmetros fixos, mas sim definidos no ambiente e constantemente ajustados às interações do teatro. São as audiências alvo que nos devem ajudar a definir os parâmetros aceitáveis, mas o importante no final de contas são os efeitos obtidos.
Pergunta 6	O extremismo e por consequência o terrorismo são um assunto intensamente abordado especialmente desde os ataques do 11 de Setembro. Tendo em conta a evolução nessas e o escalar do conflito nessas áreas, considera que as PSYOPs são uma operação essencial no combate? Porquê?
Resposta	Sim, as operações PSYOPs são operações de moldagem, que devem ser potenciadas ao máximo. Tal como dizia Sun Tzu “as oportunidades multiplicam-se à medida que são agarradas”. As PSYOPs são por isso essenciais para explorar as oportunidades, mas para isso é necessário ter uma boa compreensão do ambiente operacional, e dos diversos intervenientes que por linhas interiores ou exteriores, influenciam diretamente ou indiretamente esse teatro e os seus atores. O terrorismo necessita de recursos, recursos provém de explorações locais ou de donativos, e os donativos (fluxo de capitais) provem de dadores. Muitas vezes o problema reside fora o teatro e não dentro do teatro. Tudo isto deve ser avaliado, ponderado e muitas vezes apenas teremos capacidade de aplicar cuidados paliativos, sem conseguir alterar significativamente o problema em si. Temos de saber aceitar esta limitação, que se encontra muito acima do teatro de operações.

Pergunta 7	Tem alguma experiência a nível internacional relacionada com as PSYOPs, nomeadamente no Afeganistão ou no Iraque? Se sim, teve hipótese de identificar a condução de PSYOPs e os seus efeitos?
Resposta	<p>Sim, em 2006/7 desempenhei funções de “Theater Distribution Manager” e em acumulação de funções Chefe de missão de uma “Advance Tactical PSYOPs Team”. Pela primeira, era responsável pela distribuição dos produtos PSYOPs em todo o território do Afeganistão, coordenando com empresas locais o transporte, para as diversas unidades PSYOPs espalhadas pelo país e disseminação dos diversos produtos. Em simultâneo, fui chefe de uma Advance Tactical PSYOPs Team, responsável por contactar as diversas audiências alvo, e testar previamente os produtos, procurando compreender a perceção sobre o produto (objeto, ideia ou mensagem) junto de populações urbanas e rurais, de diversas idades, género, etnias e níveis de educação.</p> <p>Nestas funções pude observar que as nossas concepções são bastante diferentes das de outras culturas. A humildade e empatia são duas características que são necessárias para este tipo de operações. Podemos compreender que ainda temos muito a aprender em termos PSYOPs, com a nossa retirada do Afeganistão, passamos 20 anos a influenciar e desenvolver operações de combate e estabilização, perdendo todo esse trabalho em uma semana. Isso só demonstra que fomos incapazes de compreender a situação, que avaliamos incorretamente as audiências alvo, e que fomos incapazes de no mínimo perceber que os nossos efeitos não estavam a ser atingidos. Onde estão aqui os parâmetros? Quais podem ser ou como podem ser definidos? Ajustar e avaliar continuamente é possivelmente o caminho.</p>

Fonte: Elaboração Própria

ANEXOS

Anexo A: Guerra Regular vs Guerra Irregular

Quadro nº 17 - Guerra Regular vs Guerra Irregular

	Regular	Irregular	
	Guerra Convencional	Guerrilha	Terrorismo
Tamanho da unidade de combate	Grande (Exércitos, Divisões, Corpos)	Média (Esquadras, Pelotões, Companhia, Batalhões)	Pequena (Geralmente <10 pessoas)
Armas	Gama completa de equipamentos militares (da Força Aérea, Blindados, Artilharia, etc.)	Geralmente armas ligeiras do tipo Infantaria mas às vezes também de Artilharia	Armas de mão, granadas, armas de assalto e armas especializadas, e.g. carros-bombas, bombas por controlo remoto, bombas de pressão barométrica
Táticas	Geralmente Operações conjuntas envolvendo ramos militares	Táticas tipo comando	Táticas especializadas: raptos, assassinatos, bombas-carro, assaltos, tomada de reféns, etc.
Alvos	Geralmente unidades militares, infraestruturas industriais e de transporte	Na maior parte das vezes militar, polícia e pessoal da administração, bem como, oponentes políticos	Símbolos do Estado, oponentes políticos e público em geral
Controlo do Território	Sim	Sim	Não
Uniforme	Vestem uniforme	Por vezes vestem uniformes	Não usam uniformes
Reconhecimento de Zonas de Guerra	Guerra limitada a área geográfica	Guerra limite ao país em conflito mas pode operar fora dos seus limites	Zonas não reconhecidas. Operações accionadas fora e na zona do mundo
Legalidade Internacional	Sim, se comandado por regulamentos reconhecido	Sim, se comandado por regulamentos e se reconhecido	Não

Fonte: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/671>